UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ESTRANGEIRAS E
TRADUÇÃO

THAIS GOMES TRINDADE

DA *PROSA ÉDDICA* À SUA POÉTICA: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA
JORNADA DE THOR A GEIRRØÐARGARÐAR NA *EDDA DE SNORRI*

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2020

THAIS GOMES TRINDADE

DA *PROSA ÉDDICA* À SUA POÉTICA: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA
JORNADA DE THOR A GEIRRØÐARGARÐAR NA *EDDA DE SNORRI*

Projeto de Mestrado apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução
do Departamento de Letras Modernas da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para DEFESA DE
DISSERTAÇÃO.

Orientador: Professor Dr. John Milton

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T832p Trindade, Thais
DA PROSA ÉDDICA À SUA POÉTICA: UMA TRADUÇÃO
COMENTADA DA JORNADA DE THOR A GEIRRØÐARGARÐAR
NA *EDDA DE SNORRI* / Thais Trindade ;
orientador John Milton. - São Paulo, 2020.
100 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos da Tradução.

1. tradução. 2. islandês antigo. 3. Edda. 4. Thor.
5. Snorri. I. Milton, John, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): THAIS GOMES TRINDADE

Data da defesa: 18/02/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): JOHN MILTON

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 25/04/2020

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'John Milton', with a horizontal line drawn underneath it.

(Assinatura do (a) orientador (a))

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. John Milton, pela abertura e pelo interesse em me auxiliar com diversos projetos e por sua orientação, também por me incentivar a não desistir.

Àquela que me apresentou ao mundo da língua portuguesa de uma lousa magnética de letrinhas à apresentação do mundo mágico de bibliotecas e seus encantadores livros: Juliana.

Àquele que acompanhou e ajudou com carinho cada etapa, do início dos estudos em 2015 à aplicação ao mestrado, aos dias intensos de trabalho e às noites que me ajudou a me manter desperta e focada, com cafés e revisões: Gustavo.

Aos meus familiares, que fizeram parte de todas as minhas jornadas, José Reinaldo, Luna, Inácia, Geraldo, Rosemar e a todos os amigos que me apoiaram e acompanharam. Ao Caique, pela amizade, parcerias e revisão.

A Patricia Pires Boulhosa e Guilherme Braga, sempre receptivos, muito atenciosos e dispostos a ajudar; serei eternamente grata por seus comentários, leituras críticas e às reflexões às quais me expuseram durante a Qualificação e a Defesa.

À CAPES, por seu auxílio à participação no VI Colóquio de Estudos Vikings e Escandinavos.

À Viking Society Web Publications, por todos os materiais disponibilizados que permitiram o desenvolvimento deste trabalho, e a todos os pesquisadores citados na dissertação e nas referências.

DA *PROSA ÉDDICA* À SUA POÉTICA: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA
JORNADA DE ÞÓRR (THOR) A GEIRRØÐARGARÐAR NA *EDDA DE SNORRI*
(*EDDA EM PROSA*)

RESUMO

Notam-se, dentro dos estudos literários no Brasil, interesse geral e acesso facilitado às diversas mitologias, como as vernáculas e orientais. Apesar de presente em refrações de entretenimento, a literatura escandinava chega ao leitor brasileiro principalmente por adaptações e traduções de línguas estrangeiras, como o inglês. Um exemplo delas, a *Edda em Prosa*, atribuída ao islandês Snorri Sturluson – e assim também conhecida como *Edda de Snorri* –, além de apresentar aos *skáld*¹ em formação os poemas de cunho mitológico e de tradição oral por meio da prosa, permitiu à contemporaneidade o contato com essas fontes mitológicas escandinavas. Esses poemas fazem parte do que hoje se denomina poesia éddica, da qual se originam *heiti*² (sinônimos) e *kenningar*³ (compostos geralmente nominais metafóricos), cuja complexidade estimulou a produção de obras como a *Edda em Prosa*. Com este projeto, busca-se, então, beneficiar a área de estudos da poética de tradução mediante a tradução comentada de mais de uma versão da Jornada de Þórr a Geirrøðargarðar na *Edda de Snorri*. O estudo da poética tradutológica no que concerne à tradução do islandês antigo ao português busca permitir ao último trazer à tona o seu estrangeiro em si e a domesticação e facilitação da leitura, além de adaptação, promovendo, com isso, uma literatura ainda pouco representada na língua portuguesa. A

¹ *Skáld*, do islandês, singular e plural, escaldos, poetas.

² *Heiti*, do islandês, singular e plural, sinônimos.

³ *Kenningar*, do islandês, plural de *kenning*, composto geralmente nominal metafórico.

importância de tal mito no seu contexto literário se evidencia sobretudo pela sua presença em mais de um manuscrito da *Edda em Prosa* (HEIMIR PÁLSSON, 2012, p. 1).

Palavras-chave: *Edda*, tradução, islandês antigo, Thor, Snorri.

ABSTRACT

There is a general interest and facilitated access to varied mythologies in the literary studies in Brazil, especially the vernacular and eastern. Despite being present in entertainment refractions, Scandinavian literature is brought to Brazilian readers mainly through adaptations and translations from foreign languages, such as English. An example of it, the *Prose Edda*, attributed to Snorri Sturluson, besides presenting to *skáld* in development poems of mythological nature and oral tradition through prose, allowed his contemporaries to get acquainted with these Scandinavian mythological sources. These poems are now reckoned as eddic poetry, from which *heiti* and *kenningar* derived, and whose complexity encouraged the production of works such as the *Prose Edda*. This project, then, aims at benefiting the study of translational poetics through the annotated translation of more than one version of Þórr's journey to Geirrþóðargarðar in *Snorri's Edda*. The study of translational poetics on what entails the translation of Old Icelandic to Portuguese aims at allowing the Portuguese language to bring to light its very own foreignness and the domestication and easiness of reading, besides an adaptation promotion, thus fostering a literature still under-represented in Portuguese. This myth's feature in different manuscripts from its literary context highlights its importance (HEIMIR PÁLSSON, 2012, p. 1).

Keywords: *Edda*, translation, Old Icelandic, Thor, Snorri.

SUMÁRIO

1.1 Introdução.....	10
1.2 Tema e justificativa.....	12
1.3 Fundamentação teórica.....	17
1.4 Perguntas da pesquisa.....	20
1.5 Metodologia de pesquisa.....	21
2. TENDÊNCIAS DEFORMADORAS.....	22
2.1 Odorico Mendes.....	30
3. LITERATURA E CULTURA ISLANDESA.....	34
3.1 Na mídia.....	34
3.2 Língua e cultura islandesa antiga.....	34
3.3 Poesia.....	35
3.4 Snorri Sturluson.....	38
3.5 Religião.....	38
3.6 Sobre mitos.....	41
3.7 Sobre a palavra <i>edda</i>	42
3.8 Manuscritos.....	43
3.9 Sobre as seções da <i>Edda em Prosa</i>	44
3.10 Gigantes.....	47
3.11 Sintaxe.....	47

3.12 Pronúncia.....	48
4. AS TRADUÇÕES.....	50
4.1 Original.....	50
4.2 Domesticadora.....	50
4.2.1 Resultados.....	55
4.3 Estrangeirizante.....	61
4.3.1 Resultados.....	66
4.4 Tradução gramatical.....	72
4.4.1 Resultados.....	77
4.5 Adaptação juvenil.....	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	96

1.1 Introdução

Na literatura mundial, abundam obras de cunho mitológico e/ou folclórico escritas tempos após sua prática legítima, dada uma veiculação oral de narrativas. A exemplo, podem-se citar os contos de Grimm, que buscou eternizar, pela escrita, narrativas orais de que se tinha conhecimento. É notável, dentro da academia brasileira, um maior contato com essas narrativas império-ocidentais, como as germânicas, francesas, entre outras. Porém, tal fenômeno literário também se deu na Escandinávia, especialmente na Islândia, cujo estudo vem se ampliando cada vez mais.

Ainda que anteriores ao período medieval, uma vez que derivados de uma tradição oral, do século XIII são datados os manuscritos da *Edda em Prosa*. Atribuídos a Snorri Sturluson, tal obra tinha como objetivo apresentar a *skáld* em formação as poesias de cunho mitológico e de tradição oral da qual se originavam *heiti* (sinônimos) e *kenningar*, porém por meio da prosa intercalada com poesia (*prosimetrum*). Embora tivesse objetivo acadêmico-cultural à época, esse manuscrito sobreviveu à modernidade, apresentando-se em **refrações** atuais, como na série de cunho histórico *Vikings*, que faz uso considerável de adaptação de mitos éddicos, e em histórias em quadrinhos e filmes da Marvel na figura do herói Thor, entre outras (LEFEVERE apud VENUTI, 2000).

Apesar de ter refrações significativas, é notável que poucas são suas traduções e ainda menores em número são as de produção editorial no que concerne à revisão e à edição nos países lusófonos. Nesse sentido, conta-se com apenas cinco traduções de tal obra em língua portuguesa, sendo uma acadêmica, isto é, produzida por profissional formado na área e de cuja extensa pesquisa deriva a tradução, embora incompleta e esgotada, e quatro produzidas por individual livre-iniciativa de interessados no tema – de

1993, por Marcelo Magalhães, 2008 e 2013, por Marcio Moreira, e de 2013 e 2014, por Artur Avelar. Não foram encontradas outras traduções, nem recentes nem antigas, chegando a ter sido consultada a obra *Bibliography of the Eddas*, de Halldór Hermannsson (1920). Ainda assim, três das traduções derivaram de tradução do inglês ao português.

Tendo em vista tanto o restrito acesso à língua original quanto a precária redação e o acesso às traduções em português que viabilizem o estudo acadêmico, pesquisas de tal área, dentro do contexto acadêmico brasileiro, voltam-se a traduções em inglês e espanhol para estudo da literatura nórdica. O artigo “De Estados Unidos, Reino Unido e Islândia ao Brasil: um estudo tradutológico da *Prosa éddica* ao português”, em processo de edição pelos *Cadernos de Literatura em Tradução* (Literatura Nórdica em português), apontou, com a análise das traduções ao português supracitadas, a necessidade de obra tradutológica da *Edda em Prosa* de origem acadêmica. Quando uso esse termo, refiro-me essencialmente à obra *O Clube do livro e a tradução*, em que o autor, John Milton, analisa e comenta os ganhos e as perdas das traduções do Clube do livro, apontando como a falta de produção por mão de obra especializada, isto é, acadêmica, afetou a produção de traduções e, por consequência, os “clássicos” que chegavam às mãos da massa.

Este trabalho tem como um de seus fins, então, voltar-se aos cuidados com a redação e apresentação cultural da Jornada de Þórr a Geirrþóðargarðar na *Edda de Snorri* que permitam entrega de um texto em português passível de uso acadêmico. Nota-se, no Brasil, por exemplo, a baixa disponibilidade de textos desse cunho e dessa origem e, portanto, pouca abertura ao estudo mitológico nórdico, embora se constate interesse, dadas algumas teses pesquisadas e aqui referidas que citam tal mitologia, entre grupos de pesquisa existentes e revistas do tema.

Porém, tendo em vista o principal objetivo deste trabalho – estudo da poética tradutológica no que concerne à tradução entre islandês antigo e português –, uma tradução passível de uso acadêmico não se mostra como único ponto de interesse. Buscar-se-á apresentar desafios e soluções à tradução entre as línguas islandesa antiga e português atual pela experimentação de diversas estratégias e posturas tradutórias, desde a domesticadora à estrangeirizante. A isso algumas perguntas se colocam: o que implica traduzir estrangeirizando uma obra como a *Edda em Prosa* ao público moderno brasileiro, cujo acesso à língua da obra original seria mínimo? Como seria domesticar esse texto? Qual seria o possível impacto na recepção a cada uma? Como seria traduzir tendo um leitor ideal em mente? A fim de se conscientizar sobre algumas dessas questões, a teoria bermaniana dará luz ao que diz respeito à estrangeirização, com suas tendências deformadoras. Também apresentando uma tradução domesticadora, uma gramatical e uma voltada principalmente ao público juvenil, será possível permitir a reflexão sobre os diversos modos de traduzir, sobretudo de língua e cultura vernáculas, marcadas, navegando por extremos na busca de compartilhamento de experiências de leitura do outro, de modo geral, e da literatura e língua islandesa no meio acadêmico da Universidade de São Paulo.

1.2 Tema e justificativa

Notam-se, dentro dos estudos literários no Brasil, interesse geral e acesso facilitado às diversas mitologias, como as vernáculas e orientais. O mesmo, porém, não acontece à escandinava, que, apesar de presente em refrações de entretenimento, chega ao leitor brasileiro principalmente por adaptações, não chegando à universidade do

projeto. Isto é, a falta de tradução acadêmica ao português da *Edda em Prosa*, para não falar da falta de estudos escandinavos dentro do contexto da Universidade de São Paulo, tem impedido o desenvolvimento de pesquisas na área, inclusive a comparativa entre mitologias. Daí a necessidade de discussão e início de tradução de um dos textos primordiais da literatura em questão, a *Edda em Prosa*, do islandês antigo ao português – não do inglês –, como visto no artigo supracitado. Ao mesmo tempo que esta tradução tornaria acessível tal literatura, o estudo da poética tradutológica no que concerne à tradução entre o islandês antigo e o português beneficiará, outrossim, a área de Estudos da Tradução com novos exemplos e resultados do traduzir e seu processo, tendo em vista não apenas obra de contexto diacrônico e marcado mas também língua que compartilha as mesmas características. Essa contribuição ainda se faz mais significativa na sua riqueza à discussão de práticas tradutórias domesticadoras ou estrangeirizantes do islandês antigo, em sua flexibilidade de ordenação sintática, ao português moderno, com estrutura fixa de sintaxe.

Em *O Clube do livro e a tradução* (2002), John Milton traz uma análise das traduções do Clube do livro e o impacto delas à massa brasileira. Dentro das discussões tradutórias que propõe, aparecem a questão do fazer tradutório, a atividade do tradutor e as consequências de seu contexto.

A discussão de Milton (2002), voltada a livros que datam de 1700 a 1800, coloca a tradução como uma atividade de grupo aristocrático, feita por poucos, uma vez que dependia do conhecimento de línguas estrangeiras e culturas outras: “tradicionalmente os estudos de tradução fazem parte da alta cultura dominada por um grupo aristocrático que tem acesso a línguas estrangeiras e à literatura”. Sua recepção também se questiona, porque muitos de seus alvos seriam “grupos aristocráticos e os acadêmicos”. Nesse período abordado, cria-se uma situação paradoxal, pois uma obra que deveria ser

produzida com o fim de disseminação de uma obra literária e/ou cultural, por meio da tradução, acabava por privilegiar poucos (MILTON, 2002, p. 82).

Atualmente, já não podemos analisar nosso contexto desse mesmo modo, visto que o acesso à rede de internet muito facilitou o acesso a livros, manifestações culturais diversas, línguas e informação de maneira geral. Se antes havia uma visão, de certa forma, aristocrática da tradução, isso pode ser questionado ao se pensar no grande número de pessoas que passaram a fazer traduções em legendagem a filmes e séries, ou até mesmo a livros, tentando ajudar outros interessados pelo mesmo tópico a ter acesso mais rápido à mesma informação. É claro que essas diferentes traduções levam consigo as marcas de seu contexto, e não temos nem podemos esperar uma qualidade de padrões elevados, pois, com frequência, encontramos erros de ortografia, entre outros. Alguns dirão que isso se deve ao seu meio, geralmente informal, em que a massa costuma se comunicar sem as preocupações e/ou a rigidez com a norma-padrão da língua.

Dentro da discussão de estrangeirização, Milton afirma crer que tal tradução teria grande essência elitista, fruto do Modernismo, em seu intuito de “ressaltar qualidades estéticas do original” (2002, p. 83). Isso se deve em grande parte ao fato de que as traduções estrangeirizantes abrem portas ao estrangeiro, numa viagem em que a bagagem cultural e linguística se faz mais do que necessária, diferentemente da domesticadora, que, em termos linguísticos, “facilitaria” leituras, pontes entre o original e a meta.

Ao analisar o Clube do livro em sua necessidade de entrega de produtos rapidamente, com baixo custo, adaptações eram entregues com frequência, as quais Milton (2002) qualifica como “tradução de fábrica”; tem-se ainda a “tradução de equipe”, feita com mais de uma mão. O termo “tradução de fábrica” se opõe ao termo “tradução aristocrática”, que seria a tradução “geralmente literária, fora do circuito comercial, à qual o tradutor dedica grande parte do tempo e energia” (MILTON, 2002, p. 16). Ademais,

sugere “tradução universitária”, por muitas delas surgirem nesse meio, por professores universitários, ou “tradução artesanal” (MILTON, 2002, p. 16).

Ao me propor a fazer uma tradução acadêmica, estou me reportando diretamente a esse conceito e essa oposição estabelecidos por John Milton (2002), tratando a tradução como um trabalho que se estabelece fora do circuito comercial e busca atender aos padrões de leitura e tradução dentro do contexto acadêmico. Iria até mais longe em dizer que se mostrará ainda mais “artesanal” do que universitária pelo fato de trazer as multifaces da tradução e da interpretação e ao discuti-las, não se voltando a um público apenas, mas a vários, pelas variadas abordagens tradutórias. Dentro das minhas pesquisas, adaptaria os termos, pois eu estaria a fazer uma tradução artesanal em oposição a uma “tradução interessada”, o que eu considero muitas das traduções que temos atualmente. Estas são traduções feitas por pessoas que não trabalham ou estudam na área direta ou formalmente, mas demonstram interesse no tema e intenção de partilhar o conhecimento com outros interessados em nível mais imediato, sem fins acadêmicos.

No que concerne à Literatura Islandesa dentro da Universidade de São Paulo, não há teses voltadas ao seu estudo. As *Eddas*, ora em prosa, ora poéticas, chegam a ser referenciadas em, pelo menos, oito teses. A primeira delas, de Sonia Heinrich de Mattos (1959), buscou investigar as influências da *Edda Poética* na tetralogia de Wagner. De 2006, “A batalha de Maldon: tradução e aliteração”, de Glauco Micsik Roberti, cita a língua nórdica e a *Edda de Snorri* ao falar sobre as origens do inglês e relação ao islandês. Tem-se, em 2008, “*Sagarana*: o Brasil de Guimarães Rosa”, expondo uma possível relação entre o Ragnarøk e a dinâmica entre Matraga e Joãozinho Bem-Bem, algo que passa como leve associação no texto, não constituindo foco central na tese, que se baseia, inclusive, na tese de Mattos (BENEDETTI, 2008, p. 266). De 2009, há três teses que se referem à mitologia éddica: “A música na prosa de Guimarães Rosa”, “História Invisível:

uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do nacional-socialismo” e “Célula-tronco embrionária: corpo, espírito, técnica e política”. A primeira se limita à observação de Guimarães e Wagner como influenciados pela literatura éddica; a segunda apresenta e comenta as *Eddas*, em prosa e poética, ao tratar de Wagner e Gorsleben, além da “Sociedade Edda”; e a terceira alude brevemente à *Edda de Snorri* ao versar sobre “sacrifício” e criação em mito. De 2014, “Austrvegr e Gardaríki: (re)significações do leste na Escandinávia tardo-medieval” se reporta continuamente à *Edda de Snorri* para abordar a reflexão histórica no leste europeu, focando necessariamente na tradição islandesa e Snorri. Em 2016, “Um estudo etimológico de internacionalismos: cognatos na língua portuguesa e norueguesa” discorre sobre a *Edda de Snorri* para tratar de Óðinn, a língua falada por ele e as crenças de se originar na Ásia, discutindo os pensamentos predecessores das línguas vernáculas “como continuação da língua do Éden” (VENANCIO, 2016, p. 25-26).

Fora desse contexto, de 2016 o estudo “Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval”, de Johnni Langer, reforça os dados da falta de traduções ao português de obras literárias escandinavas, como a *Edda*, mas também aponta crescente interesse pela literatura e cultura escandinava. Aliás, novas traduções de poemas islandeses míticos foram trazidas no *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*.

Este projeto busca, então, dar luz aos estudos da poética de tradução, por meio das traduções comentadas da Jornada de Þórr a Geirrþóðargarðar na *Edda de Snorri*, pensando a prática tradutória, seja domesticadora, seja estrangeirizante, levando em consideração as ideias de deformação. Vale ressaltar o foco principal na observação da dinâmica entre o islandês antigo e o português, contribuindo, por pesquisa acadêmica, aos estudos tradutológicos de línguas estrangeiras ainda pouco estudadas no contexto da

Universidade de São Paulo, não se optando por uma única postura tradutória, mas pela variedade e pelos seus extremos. Essa variabilidade mostra, inclusive, como a interpretação do texto é múltipla e como a tradução é sempre possível, ainda assim, projeto de um tradutor, que aqui não se limita à postura editorial majoritária de publicação de tradução única e com tendência à domesticação.

1.3 Fundamentação teórica

Assim como a mitologia, traduções são antigas. Da Antiguidade à Contemporaneidade, diversas teorias tradutórias e estratégias foram vistas. A obra *Translation Studies*, de Susan Bassnett-McGuire (1988), é uma das mais importantes a discutir a área de estudos da tradução antes de sua organização como disciplina.

Essa discussão reconhece a tradução como produto que vem de uma interpretação feita de uma língua-fonte a uma língua-alvo com o propósito de aproximar ambas ao máximo possível, mas não ao ponto em que as estruturas da língua-alvo sejam distorcidas (BASSNETT, 1988, p. 12). Para tanto, é necessário o reconhecimento de hábitos, culturas e contextos de uma comunidade como influenciadores de traduções, não apenas a língua ou a linguagem. Apesar de alguns argumentarem pela impossibilidade da tradução, nota-se que traduções são sempre possíveis, porém, acima de tudo, frutos interpretativos.

Do texto de Bassnett, é possível conhecer as primeiras teorias tradutórias, posteriores ao início da tradução – que se dá na Antiguidade –, sendo datadas do século XV. De John Dryden, no século XVII, vêm as descrições de tradução como: **metáfrase** (palavra por palavra, linha a linha); **paráfrase** (sentido por sentido); e **imitação** (abandono da fonte em detrimento da intenção do tradutor) (BASSNETT, 1988, p. 60).

Mas falar sobre tradução implica um reconhecimento da influência do desenvolvimento das humanidades no estudo e na prática de tradução. Sua independência como área de estudo começa a se estabelecer a partir do momento em que se vê influenciada por teorias linguísticas, principalmente no período de culminância do estruturalismo, do que temos como exemplo Eugene Nida, que via a tradução como uma transferência de elementos dos vagões de um trem de uma língua aos vagões de trem de outra. John Cunnison Catford foi outro teórico que buscou na idealização de uma equivalência entre línguas, em um transporte cultural, solidificar sua teoria tradutória.

Por essa postura estrutural, teóricos desenvolvem os estudos tradutórios mediante conceituações esquemáticas sobre as relações estabelecidas entre línguas e culturas. É daí que Aubert (1994, p. 10) percebe a tradução como ato “motivado” por “questões subjetivas e/ou objetivas, individuais e/ou coletivas”, “influenciadas por um bloqueio parcial ou total na relação comunicativa Emissor <-> Receptor e que possa ser atribuído a interferências provocadas pela variação linguística”. Isto é, a dificuldade e/ou a possibilidade de leitura de um texto por sua escrita em dada variante linguística abre(m) espaço à necessidade de tradução. No caso deste trabalho, a falta de traduções da *Edda em Prosa* ao português que tenham como original a língua islandesa se mostra como uma motivação a essa tradução.

Apesar de sua visão estrutural da tradução, Aubert (1994, p. 14 e 80) considera a variedade de possibilidades que tal ato promove, enfatizando que a interação motivada por uma tradução produz “um número de interdependências, determinações e constelações (...) teoricamente infinito”; ainda, afirma que o tradutor se trata de “agente, elemento ativo, *produtor* de texto, de discurso”, não mero “mensageiro”.

Posteriormente à abordagem estruturalista se dá a Teoria do Escopo (*Skopostheorie*), motivadora do funcionalismo, que se estabelece pelo “propósito”

comunicativo, por agentes envolvidos na situação comunicativa e na situação em questão (NORD, 1997, p. 1). Tal teoria vem das discussões sobre “equivalência linguística”, que se prestava ao que devia ser “preservado” do texto original (NORD, 1997, p. 7). Uma vez que essa busca incessante por uma “equivalência” se mostrava ineficiente a contextos em que a “compreensão”, mais que a equivalência, seria o propósito primeiro, Reiss desenvolve uma teoria focada na “relação funcional” entre originais e tradução (NORD, 1997, p. 9). Isto é, adaptações de músicas de uma língua a peça teatral, em outra língua, seria um exemplo de como a função do texto-alvo seria mais importante à tradução do que necessariamente a equivalência cega ao original (NORD, 1997, p. 9).

Esse desenvolvimento da teoria tradutória abre espaço à maior consideração do projeto tradutório em cada ato de tradução. Seja por vias mais ou menos “estrangeirizantes”, pela opção de adotar mais das qualidades e características da cultura ou língua-fonte, seja por via “domesticadora”, ao trazer o original o mais próximo possível à cultura-alvo, de todo modo a adoção de uma ou outra postura no ato tradutório se mostra como opção primeira e única do tradutor. Um dos teóricos a discutir os conceitos “domesticação” e “estrangeirização”, inspirado em Friedrich Schleiermacher, Venuti (1995, p. 20) faz uma leitura do primeiro como uma “redução do etnocentrismo de um texto estrangeiro aos valores culturais de uma língua-alvo, trazendo o autor para casa”, e o segundo como uma “pressão de desvio ético àqueles valores [da língua/cultura-meta] para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, levando o leitor ao estrangeiro”.

Ao voltar os olhos às teorias de Berman (2007), nota-se que o autor defende uma tradução literal, não como **metáfrase**, mas como atenção à palavra-forma, pois, em sua visão, o texto a traduzir tem uma forma, a qual não pode ser distanciada de sua palavra, e é essa comunhão que forma o texto. Traduzir, então, demandaria atenção e cuidado à

palavra e à forma do texto, jamais se optando por mera paráfrase na busca de tradução de sentidos, muito menos se autorizando a suprema **imitação** do abandono da fonte e criação liberta, sem relações diretas à forma e à palavra do texto original.

Nisso, a postura de Berman se opõe à de Bassnett e Vermeer (1989 apud VENUTI, 2000), pois, se, para estes, a fidelidade tradutória trata-se do “projeto” e da “intenção” do tradutor; para Berman, ela deverá estar na fidelidade à **letra** do texto, à sua literalidade-forma.

1.4 Perguntas da pesquisa

Algumas perguntas norteiam este projeto, como a de quais meios devem ser utilizados para contextualizar a obra ao leitor de chegada. À luz de Venuti (1995), é preferível adotar práticas de estrangeirização, optando por priorizar a cultura de origem em detrimento da alvo? Ou seria melhor adotar a postura inversa, de domesticação? Como lidar com a formação de palavras compostas do islandês? Como permitir ao leitor brasileiro uma experiência do diferente, do estrangeiro que pouco seria possível no caso de uma tradução editorial? Como permitir ao leitor uma experiência de contato com as qualidades e características da língua-fonte? Nisso, fazem-se relevantes e consideráveis a teoria de **deformações da tradução** de Antoine Berman e as teorias tradutórias de Venuti e Nord. Outrossim, pode-se levantar a questão da forma a tratar não apenas as metáforas e expressões marcadas culturalmente mas também um público acadêmico. E se for um juvenil?

1.5 Metodologia de pesquisa

A prática metodológica deste trabalho será a de identificar e adotar estratégias e meios de traduções mais eficazes ao projeto estabelecido, contando-se com o apoio do orientador e o estudo tanto do autor quanto das *Eddas* e suas particularidades, a fim de solucionar problemas de cunho teórico-metodológico à luz das diversas traduções a que se tem dado não apenas do português mas também do inglês – língua em que muitos de tais estudos se desenvolveram e internacionalizaram.

A dissertação contará, inclusive, com pesquisas de gramáticas, glossários, dicionários e estudos da área de literatura e língua islandesa, tendo-se como referência as publicações da Viking Society of Northern Studies, entre outras fontes de pesquisa de tal literatura e língua.

No que concerne às teorias da tradução, ainda poderá contar-se com Venuti, Bassnett, Berman, Aubert, entre outros. Haverá a produção de, pelo menos, quatro versões diversas de tradução a públicos diferentes: uma estrangeirizante, uma domesticadora, uma gramatical e uma adaptação domesticadora voltada ao público juvenil.

2. TENDÊNCIAS DEFORMADORAS

Quando se pensa em Antoine Berman, há que se considerar sua noção de letra e literalidade. Diferentemente da noção semântica de tradução literal, como aquela voltada ao servil trabalho de traduzir palavra por palavra, o teórico entende que a tradução de **ritmo, comprimento** ou **concisão, aliterações**, entre outros elementos formais dos textos, seria a expressão de sua “letra”, não sendo, portanto, fenômeno semântico, mas sim “jogo de significantes”.

Sua postura de busca por uma tradução não servil, não restrita ao sentido ou à equivalência, desdobra-se na tradutologia, proposta teórica oposta à tradútica. Enquanto a primeira se debruça “à reflexão da tradução sobre si mesma a partir de sua natureza de experiência”, a segunda se volta à determinação de práxis fixada em teoria (BERMAN, 2007, p. 19). A oposição entre ambas se dá na reflexão por meio da experiência além-sentido contra a experiência por meio de referências teóricas voltadas ao ensino da tradução pelo sentido. Faz-se, assim, necessária a união da crítica à tradução para o desenvolvimento da escrita.

O produto dessas vertentes bem como seus pressupostos se opõem e excluem. Enquanto a tradução pela tradutologia será **ética, poética e pensante**, a partir da “destruição heideggeriana”, com a análise do que “se deve destruir”, a tradução pela tradútica se fará **etnocêntrica, hipertextual e platônica**. Para Berman, esses três traços fundamentais vão se desenvolver em subtraços, porém de modo concreto, verificável na tradução: “tendências deformadoras”, frutos de uma não questionada reprodução de postulações tradutórias passadas – por exemplo, a tendência de parafrasear trechos do original na tradução em detrimento de uma “clarificação”, verificável na tradução de Ronald W. Sousa (1988) de *A paixão segundo G.H.* (TRINDADE, 2013).

Cabe observar que a ideia de etnocentrismo na teoria de Berman nada difere do significado semântico primeiro da palavra no uso cotidiano, correspondendo à visão que faz do “eu” superior ao “outro”. Desse modo, o que lhe é **exterior, estrangeiro**, é tido como “negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado para aumentar a riqueza desta cultura” (BERMAN, 2007, p. 28). O exemplo primeiro dessa prática remonta aos romanos que, no período clássico, se voltavam à tradução dos textos gregos ao latim com o fim de ampliar sua própria cultura, entregando-se à “anexação sistemática dos textos, de formas e termos” do grego, segundo Berman, “de modo irreconhecível”, o que não se deu apenas na arte escrita mas também na arquitetura e no teatro (BERMAN, 2007, p. 30). Essa prática encontra em Cícero e Horácio seus principais representantes. Porém, é com a “teoria” de São Jerônimo que se institui a abordagem prática tradutória do “sentido por sentido”.

Ao advogar um olhar comprometido ao sentido, pela filosofia platônica, “sensível”, a tradução etnocêntrica impede o olhar à forma, ao “inteligível”, ou ainda, pela teoria bermaniana, à sua “letra”. Essa busca pelo “sentido” privilegia uma língua, em geral, a meta em detrimento da original; procura apagar os vestígios da língua ou da estranheza do original; e se reconhece como boa quando não permite ao leitor, à primeira vista, reconhecê-la como tradução. Para tanto, o tradutor se volta a moldes literários de sua tradição ou contemporaneidade, por consequência, a uma “reformulação”, ao que se fortalece etnocêntrico e hipertextual. Embora as tradições influenciadoras a uma tradução sejam históricas, esses fatores de influências também se dão na própria concepção de texto, em que, conforme Berman, a “autoafirmação” de um texto como “verdadeiro” e “valioso” se equipara à sua traduzibilidade.

A partir da **analítica da tradução**, Berman permite, ao mesmo tempo, observar o que mais torna uma tradução etnocêntrica e entrever do que uma tradução pensante e

poética precisa se destituir para atingir seu objetivo como tradução. Para tanto, o autor propõe “uma destruição sistemática das teorias dominantes” e “uma análise das *tendências deformadoras* que operam em toda tradução” e às quais toda prática tradutória se sujeita (BERMAN, 2007, p. 44). São elas: **racionalização, clarificação, alongamento, enobrecimento, empobrecimento qualitativo, empobrecimento quantitativo, homogeneização, destruição dos ritmos, destruição das redes significantes subjacentes, destruição dos sistematismos, destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares, destruição das locuções e apagamento das superposições de línguas.**

A **racionalização** interfere na estrutura sintática do original e na pontuação. A reorganização de elementos e estruturas em prol de uma “ordem” mais linear ou “abstração” é sua expressão mais comum, isto é, “deforma o original ao inverter sua tendência de base (a concretude) e ao linearizar suas arborescências sintáticas” (BERMAN, 2007, p. 50).

A **clarificação**, embora relacionada à racionalização, se restringe ao intento de “esclarecer” palavras ou sentido, muitas vezes tornando algo que é indefinido definido. Conforme aponta Berman, toda tradução está sujeita ao fenômeno de explicitação, porém a deformação se dá em explicitar, na tradução, o que o original prevê oculto, incerto. Pode-se pensar, a exemplo, nas traduções de *A metamorfose*, de Kafka, para a qual alguns tradutores traduziram o “inseto” indefinido do autor por insetos específicos, como uma “barata”.

Sobre Odorico Mendes, tem-se, em “o soberano, a recordar Egisto”, a não clarificação de quem seria o “soberano” – no caso, Zeus, a recordar Egisto. Em seu intuito tradutório de manter-se fiel, conforme palavras de Haroldo de Campos, a uma

“transcrição” literária, obriga o leitor à busca de referência em suas notas, que clarificam um sentido, mas não a obra da tradução em si.

Berman (2007, p. 51) afirma que “Toda tradução é tendencialmente mais longa do que o original”, embora isso não possa ser confirmado em todos os casos tradutórios, como demonstrado pela pesquisa de linguística de *corpus* e tradução de Gonçalves (2009), que avalia e compara duas traduções de “A Mother” ao português. A autora, em sua análise, demonstra que a taxa de *tokens*, palavras, do texto original é maior do que a dos traduzidos, tendo-se, no original, uma taxa de 4.602 *tokens* contra 3.953 da tradução de Hamilton Trevisan e 4.394 de José Robert O’Shea (GONÇALVES, 2009, p. 90). Essa quebra do postulado da tendência de alongamento da tradução pode apontar à necessidade de reconhecimento de um contexto, pois, a depender da postura tradutória, estrangeirização ou domesticação, tradição tradutória à qual o tradutor se reporta, muito se influenciará o tamanho de uma obra. Nesse caso, temos traduções formadas por reduções em oposição a extensões.

O **enobrecimento**, por seu turno, caracteriza-se pela postura platônica de “‘embelezamento’ da tradução”; “Em poesia, isto produz a ‘poetização’; na prosa, uma ‘retoricização’”, produzindo-se “frases ‘elegantes’ usando, por assim dizer, o original como matéria-prima” (BERMAN, 2007, p. 52). Essa prática de estilo muito se exemplifica pela postura de tradutores romanos, como Cícero, que utilizavam os textos originais como meio de desenvolver seu estilo e literatura.

Pela substituição de “termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos, expressões, modos de dizer que não têm sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante ou – melhor – *icônica*”, dá-se o **empobrecimento qualitativo** (BERMAN, 2007, p. 53).

Por sua vez, o **empobrecimento quantitativo** se caracteriza por um “desperdício lexical”. No exemplo dado por Berman (2007, p. 54), tem-se “rosto, cara e semblante” sendo usados para referir-se a “visage”. Nesse contexto, a tradução que se limita ao uso de poucos referentes, ou um só, empobrece o texto de sua “lexicalidade”, “sua abundância lexical”.

Todas essas deformações tradutórias podem levar à **homogeneização**, que consiste na **unificação** do que o original apresenta como heterogêneo.

À perspectiva da **rítmica textual** de Beda Allemann e Meschonnic, Berman afirma a existência de rítmica a todos os textos, não sendo a poesia tida como único texto rítmico. Nisso, a **pontuação** da prosa muito lhe contribui ao estabelecimento de ritmo, ao que extrema atenção lhe é devida. No caso de *A paixão segundo G.H.*, nota-se que a pontuação tem grande relevância à multiplicidade de significados do texto e ao seu ritmo de pausa e recomeço, ao que Idra Novey tentou responder bem mantendo as reticências iniciais de cada capítulo da obra clariceana, numa busca de não deformação do ritmo dessa prosa e de sua poesia.

A tradução que não se preocupa com sua etnocentricidade pode, ainda, destruir **redes significantes subjacentes** (BERMAN, 2007, p. 56-57). Segundo Berman, certas palavras reiteradas em um texto podem ser indicativas de uma “rede específica”, uma “intencionalidade” que estabelece, no texto, uma rede que amplia o significado textual. *Ubirajara*, de José de Alencar, por exemplo, constitui-se de substantivos próprios derivados de palavras de raiz indígena ou nomes de animais, que estabelecem redes de significações que, embora não subjacentes, tendendo a serem mais superficiais, evidenciam essa dinâmica que uma tradução deve observar.

Apesar de essas redes serem de grande relevância, parte delas se volta à esfera lexical. Há, porém, outras relações ainda. Como coloca Berman, além-léxico, há o “sistematismo” de uma obra, que se constitui pelo “tipo de frase”, pelas “construções utilizadas”. Traduzir Graciliano Ramos, a exemplo, coloca o tradutor diante de um sistema de escrita rígido, duro, direto; abundam frases que não se dão por apostro, às quais o tradutor que busque encadear frases que se tem separadas altera todo o sistema graciliano. Odorico Mendes, por sua vez, fez uso de diversas alterações na ordem sintática mais comum ao português, como em “Ei-lo, solve o congresso”, optando por elipses e outros fenômenos, latinizando o português e trazendo o leitor ao estrangeiro.

Ao traduzir, pode-se, ainda, **destruir** ou **exotizar** redes de linguagens vernaculares, ao que Berman diria que “o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular”, pois pode levar o texto à vulgarização. O apagamento do vernacular também não torna a tradução apropriada, e o mesmo pode ser dito sobre a exotização dessa vernacularidade pelo uso de itálico, que evidencia sua “estrangeiridade” e o isola do texto como adição do estrangeiro. Ainda assim, o autor não dá exemplo positivo ou alternativa a essa deformação. Utilizando-se de matriz latina à criação de vocábulos à sua tradução, Odorico Mendes de modo algum traduziu vernáculo por vernáculo, antes se voltando a uma criação prolixa de vocábulos, o que o afastou da etnocentricidade domesticadora, permitindo aos leitores irem de encontro ao estrangeiro com neologismos, como “Argicida” a destruidor de Argos e “cetrígero” a quem detém o cetro divino, entre tantos outros.

Berman aponta que as locuções também podem ser diferentes do vernacular da língua, cujas meras traduções feitas por uso de equivalente na língua-meta levam ao etnocentrismo, sendo mais relevante a utilização de referencial estrangeirizante. Além disso, considera que a forma proverbial é reconhecível ao leitor, com o que devia contar

o tradutor, assim não traduzindo nem palavra por palavra nem pela transposição de provérbio “equivalente”, mas usando construção que dê ao leitor a forma do provérbio e a ideia do original.

Analogamente à heterogeneidade da obra literária, Berman afirma que a obra em prosa pode constituir-se de **superposição de línguas**, ou seja, a coexistência de dialetos com uma coine ou a coexistência de várias coines. Como exemplificado por ele, na obra de Guimarães Rosa, “o português clássico e falares do Nordeste do Brasil se interpenetram”. O seu **apagamento** constituiria deformação.

Essas deformações se referem à **letra**, e a ela o sistema de deformação atinge, sendo letra e sentido inter-relacionados. A destruição da letra por um “sentido” mais puro distancia o original de sua cultura. Seria uma busca pela transmissão de uma “mensagem”, não abertura “à experiência de um mundo”, opondo-se ao que Berman caracteriza como produto tradutório.

Discutindo como a tradução que se queria voltada ao leitor pode lhe afastar do original e a voltada ao original afastar-se do leitor, Berman estabelece a necessidade de uma “educação à estranheza”. Não se pode nem apenas querer comunicar nem se focar somente na comunicação. Seu objetivo será ético, poético e filosófico, sendo o último caracterizado por uma relação com uma “verdade”, não uma fidelidade, mas sua concretude textual, letra e forma. Sua ética está no reconhecimento, na validação e na revelação da alteridade no texto.

Com exemplos de traduções de Hölderlin, Berman apresenta a *Bildung* como uma formação, que, na tradução, seria o movimento pelo estrangeiro com o fim de chegar-se ao “próprio”: por meio de violenta modificação, põe-se à prova o estrangeiro e aprende-se o próprio. A importância do exemplo de Hölderlin, que pode ser estendido a toda

tradução não etnocêntrica, é o fato de a obra não “aparec[er] como uma realidade imóvel, estática, imutável” a ser reproduzida, mas “lugar de um *combate* entre duas dimensões fundamentais” que a tradução reativa acentuando “o que o original ocultou” (BERMAN, 2007, p. 81).

Ao explicar a tradução de *Paraíso Perdido* por Chateaubriand, Berman coloca a importância de se observar a diferença entre as **primeiras traduções** e as **retraduções**, explicando que aqui se dão as obras-primas da tradução, e isso se dá pelo tempo em que é feita e pela abertura à neologia. Ainda assim, uma retradução se mostra sempre segunda em relação a uma tradução primeira e ao original, a partir daí há apenas segundas traduções. Tem-se em Odorico Mendes grande exemplo de riqueza neológica em língua portuguesa.

A “verdadeira tradução” seria manter a obscuridade da obra, o que constitui a literalidade dela aos olhos de Berman. De todo modo, uma segunda tradução tenderia a ser menos facilitadora, mais estrangeirizante em oposição a uma primeira tradução. Isso é notável na diferença entre a primeira tradução de *A paixão segundo G.H.* ao inglês, mais conservadora, metafrástica, em oposição à segunda, mais poética e aberta à letra.

A análise de traduções e retraduições que Berman faz, porém, aponta à **terceira língua**. Segundo ele, o ato tradutório “*não opera somente entre duas línguas*”, “*sempre existem nele (conforme modos diversos) uma terceira língua, sem a qual não poderia existir*” (grifo do original), isto é, uma terceira língua intermedeia a tradução, uma “língua de tradução”, à qual o latim foi, por muito tempo, referencial (BERMAN, 2007, p. 105).

A tradução mais verdadeira, como a de Klossowski, de acordo com Berman, “*se desdobra (...) numa dupla temporalidade linguística: devolver à língua a memória de sua história até à sua origem, abri-la para um futuro de possibilidades insuspeitáveis*” (2007,

p. 127-128, grifo do original). Ainda assim, isso não significa que o produto será sempre o mais legível ou mais dado ao leitor, o intento, contudo, se sustenta como a possibilidade mais “verdadeira” da tradução, pois a retradução é um **movimento histórico**.

2.1 Odorico Mendes

Quando se analisa a obra de Odorico Mendes, torna-se de grande relevo notar como sua prática se diferenciou do que havia de mais comum. Enquanto muitos buscavam a via de domesticação, Odorico buscava ressaltar as diferenças entre as línguas e nisso suas notas eram de suma importância à negociação do entendimento:

O pioneirismo odoriciano no enfoque dos problemas da tradução (tanto na prática desta, como nas notas teóricas que deixou a respeito) só poderá ser devidamente avaliado se pusermos em relevo, como traço marcante de todo seu trabalho no campo, a concepção de um sistema coerente de procedimentos que lhe permitisse helenizar ou latinizar o português, em lugar de neutralizar a *diferença* dessas línguas originais, rasurando-lhe as arestas sintáticas e lexicais em nossa língua. (MEDINA, 1992, p. 11)

Conforme apontado no prefácio à tradução da *Odisseia*, características neologísticas que poderiam ser relativamente apreciadas nas obras de Joyce e Guimarães Rosa foram, em Odorico, renegadas pela crítica majoritária em seu tempo. Ainda assim, é colocada em questão a importância da estrangeirização: “o tradutor, ao invés de ‘fixar-se no estágio em que, por acaso, se encontra sua língua’, deve tomar rumo oposto e mais árduo, ou seja, ‘submetê-la ao impulso violento que vem da língua estrangeira’” (MEDINA, 1992, p. 13). Bebendo nas teorias desconstrutivistas, discute, inclusive, o fato de chamarem estrangeirizações de “monstruosidades”: “O futuro só se pode antecipar na

forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, *apresentar-se*, sob a espécie de monstruosidade” (MEDINA, loc. cit.). Nessa discussão, um ponto torna-se essencial à justificativa de uma tradução estrangeirizante: o “rompimento da normalidade” (MEDINA, loc. cit.). Pois toda tradução estrangeirizante almeja, antes de mais nada, romper com o normal, o estabelecido, o familiar ou cômodo. Não se quer ler o estrangeiro como quem lê o jornal nacional, busca-se, em realidade, a experiência de um novo mundo (MEDINA, loc. cit.).

É assim que é colocado, “Odorico Mendes levou a língua portuguesa aos limites que pôde, e explorou vários tipos de recurso, desde o tenso clássico até o oral cotidiano” (MEDINA, 1992, p. 24). Buscava-se a variedade no diferente, passível de renovação e criação constante. É daí que vêm seus neologismos, renovação contínua de línguas, encontro entre grego, latim e português. Conforme analisado, em:

[...] *rija-eri-aguda*, o que em verdade temos são dois adjetivos, *rija* e *eri-aguda*. A lança era “rija”, forte, e formada de uma haste de bronze terminada em ponta aguda. Em latim, encontrava Odorico alguns compostos de *aeri-*, como *aerisonus* e *aeripes*. *Olhi-cerúlea-crini-pulcra* são igualmente dois adjetivos: *olhicerúlea* e *crinipulcra*. A deusa tinha olhos azuis e linda cabeleira. *Olhinegro*, *olhibranco*, *olhizarco* são do português falado... (MEDINA, 1992, p. 37)

Assim, pode-se notar como usava a língua-fonte para brincar com a língua-meta, em uma troca contínua de referências, adaptando prefixos estrangeiros à língua local.

A análise cuidadosa desse constante criar aponta ainda ao fato de que traduções metafrásticas podem cumprir o papel de trazer, na tradução, a ideia empregada no original, mas, em fazê-lo, não podem cumprir o papel estético da língua, perde-se a poesia da língua em muitos casos:

Se digo que a expressão homérica *rhododáktylos heós* é “a aurora de dedos semelhantes à cor da rosa”, cumpro a referência, mas estarei traduzindo mal Homero. Mas, se digo que *rhododáktylos heós* é o mesmo que *dedirrósea aurora*, como faz Odorico, imito o sentido e cumpro o papel da tradução. Quanto mais termos utilizamos para verter um *efeito* do Original, mais perdemos esse efeito. (MEDINA, 1992, p. 48)

É assim que Odorico tenta se ater à concisão e evitar a tradução de um termo em grego por vários em português. Mas não apenas de acertos constitui sua prática, pois também se extrapolou à tradução de frases inteiras por apenas um termo em português (MEDINA, 1992, p. 48). Isso aponta ao fato de que há, ao menos, duas abordagens possíveis à tradução, uma que se atém à forma e outra que se atém à experiência, efeitos que aquela obra causa no leitor:

Vê-se, pois, que a tradução de poesia gravita entre dois procedimentos metódicos, que se podem complementar na prática textual, mas que também podem definir dois tipos separados de comportamento tradutivo. Um é aquele que se apegue à *fôrma* (que aqui distinguimos de forma), e o outro é aquele que procura livremente recriar os efeitos ou vivências de sentido. O primeiro destes métodos é o indutivo, persegue o Original palavra por palavra, o segundo é o método dedutivo, aquele que procura os efeitos gerais do texto, como condição de chegada aos efeitos particulares. (MEDINA, 1992, p. 51-52)

Algo que se encontra em islandês antigo também se torna comum à tradução do grego antigo: a ordenação livre de palavras:

(...) o primeiro empecilho da tradução de poesia clássica antiga está na ordem das palavras, que em latim e grego pode, por virtude das declinações, ser bastante livre, e em português não pode, sob pena de desfigurar completamente as possibilidades e os limites do idioma (MEDINA, 1992, p. 52-53)

Ainda que seja discutida a possibilidade de desfiguração do idioma, a essa prática se dá uma das minhas traduções, no objetivo de realmente trazer o máximo do estrangeiro ao português, permitir um ganho de perspectiva quanto ao que a língua-fonte tem de próprio e específico em oposição à língua-meta. O suporte de leitura das outras traduções é o que permite esse “decalque”, a experiência do “monstruoso”, como visto por alguns. Porém, adotando visão oposta a essa abordagem, não vejo essa prática como monstrosidade, mas sim como brincadeira, manuseio livre da língua em prol de **uma** experiência do outro.

A minha prática tradutória, assim, se dá à luz da consideração das deformações colocadas em questão por Berman. Evitando tomar postura etnocêntrica, busco uma criação de tradução estrangeirizante ao mito da Jornada de Þórr a Geirrðargarðar. Contudo, não me restringindo a essa única abordagem, também trago tradução domesticadora com o fim de diálogo, tradução gramatical e adaptação ao público juvenil com o objetivo de discussão das diferenças, dos ganhos e das perdas, cumprindo, dessa forma, o papel de apresentar a multiplicidade intrínseca à tradução em sua atividade interpretativa.

3. LITERATURA E CULTURA ISLANDESA

3.1 Na mídia

Na introdução à *Edda Poética*, Carolyne Larrington (2014, p. xxii-xxiii) fornece uma perspectiva cronológica dos mitos éddicos na academia, com seus desvios e suas qualidades. É apontado, porém, como a interpretação tanto dos mitos quanto da história do *Sigurd* por Wagner e associações feitas entre tal dado e o nazismo eram emergentes no período pós-guerra. Conforme aponta Faulkes (1995, p. xxiii), apenas com J. R. R. Tolkien e, de certa forma, com a literatura de C. S. Lewis os mitos nórdicos se reergueram culturalmente sem associações nazistas.

Atualmente, sua visibilidade não se limita à literatura, ainda que haja outras obras a conversar com a mitologia nórdica, como *Mitologia Nórdica*, de Neil Gaiman, e *Game of Thrones*, de George R. R. Martin. Na mídia televisiva, *Vikings*, com frequência, faz referência a mitos nórdicos; já a franquia de filmes da Marvel *Thor* e *Os vingadores* traz uma recriação da mitologia nórdica, principalmente nas figuras de Thor e Loki. Em *games*, abundam temas nórdicos, sendo *God of War* um dos últimos a explorar esse universo mítico.

3.2 Língua e cultura islandesa antiga

Derivado da Língua Germânica do Norte, o Nórdico Antigo refere-se à língua e a dialetos falados na região atualmente conhecida por Dinamarca, Noruega, Suécia – Islândia e Ilhas Faroé (Feroé). Marca de seu ponto inicial, o protonórdico é o alfabeto usado em inscrições rúnicas datadas de 150 d.C. a 800 d.C. Segundo Faarlund (1994, p.

5), por volta de 800 d.C., essa língua, também referenciada como Escandinavo Comum, começa a dividir-se em duas: Nórdico Oriental e Nórdico Ocidental. O primeiro é usado para referir-se à língua falada na região correspondente ao reino da Dinamarca, na maior parte da Suécia e em alguns assentamentos próximos na Noruega. O segundo termo, por seu turno, é usado em referência à língua falada na maior parte da Noruega e em seus assentamentos, como Islândia.

No final da Era Viking, notam-se diferenças linguísticas entre os países falantes do Nórdico Antigo Oriental e do Ocidental. Enquanto o Nórdico Antigo Oriental adota uma postura mais aberta a mudanças na língua, por suas relações com outros povos, o Nórdico Antigo Ocidental tende a ser mais conservador a alterações linguísticas. O Norueguês Antigo, variante do Nórdico Ocidental, é trazido à Islândia por colonos (870-930). Lá a língua se desenvolve em “isolamento”. Enquanto isso, o Norueguês Antigo falado no continente aos poucos vai sofrendo mais alterações que a variante falada na Islândia. Não surpreendentemente, na língua islandesa moderna, há maior conservação e concentração de características das línguas nórdica antiga e islandesa antiga.

3.3 Poesia

Muitas das atuais teorias acerca da poesia escandinava medieval distinguem a poesia entre “éddica” e “escáldica”. Ao primeiro termo é dito ser sobre poesia de cunho “anônimo, natural, objetivo, popular, voltado à tradição mítica/heroica ou mítica (sabedoria heroica)”⁷, enquanto o segundo seria “não anônimo, recôndito, não natural,

⁷ “The terms of the Division, crude and imprecise as they are, remain the commonplaces of our scholarship: eddic poetry is anonymous, narrative, uncomplicated, natural, objective, popular, concerned with metric/heroic tradition or mythic/heroic wisdom” (FRANK, 1985. p. 157-196).

subjetivo, elitista, voltado ao presente e fundado em uma situação”⁸ (FRANK, 1985, p. 159).

O verso escáldico é tão diverso, em estilo e função, que se pode encontrar mais variedades dentro de tal escopo do que semelhanças. Porém, não há como negar a importância que a poesia teve na sociedade medieval escandinava, sendo entendida por alguns como um agente na dinâmica de relações políticas e sociais⁹ (WHALEY, 2005, p. 480). Segundo Porter (2017), o termo *skáld*, do qual temos o termo escáldico, teria conotações negativas e estaria relacionado a *schelten* (do alemão, ralhar, repreender), e uma de suas funções teria sido caluniar ou difamar inimigos em verso¹⁰. No entanto, como completa depois, “bem como um escaldo poderia prejudicar a honra de uma pessoa por meio de versos caluniosos, também tinha o poder de engrandecer sua reputação com poemas laudatórios”¹¹. Desse modo, muitos reis foram celebrados.

Dada a constituição da língua islandesa antiga por casos e declinações que permitiam certa flexibilidade de ordenação de elementos lexicais nas frases, sua poesia muitas vezes se voltava a essa flexibilização. O que há em comum entre muitas delas é a unidade de estrofes formadas por oito versos.

A *drápa* (do islandês, canção) é o estilo poético mais comum à época e prestigiado, formado por uma introdução ou abertura (*upphaf*) clamando escuta, uma

⁸ “(...) skaldic verse is emphatically nonanonymous, occasional, recondite, unnatural, subjective, elitist, concerned with the present and situation-bound” (FRANK, loc. cit.).

⁹ “Aside from any mystic associations, poetry was a precious commodity in medieval Scandinavia, able to confer or destroy honour and hence a potent agent in the dynamic of political and social relations” (WHALEY, 2005, p. 479-502).

¹⁰ “El término ‘escáldico’ deriva del islandés *skald*, substantivo de controvertida etimologia que originalmente tenía ciertas connotaciones negativas, y que con toda seguridad está relacionado con el alemán *schelten* (regañar, reprender) y con el inglés *scold*. Su origen aparece reflejado en una de las funciones que la poesía escáldica tenía en la sociedad escandinava medieval, la de calumniar o difamar en verso a los enemigos” (PORTER, 2017, p. 53).

¹¹ “Del mismo modo que un escaldo podía dañar el honor de una persona por medio de versos calumniosos, también tenía el poder de agrandar su reputación con la ayuda de poemas laudatorios” (PORTER, 2017, p. 54).

seção de refrão (*steffjabálkr*), que consistia das seções *steffjamél* (seção de refrão), marcada pelo uso de um *stef* particular ou refrão, e *slæmr* (fechamento) (WHALEY, 2005, p. 484).

O metro mais encontrado entre os poemas e versos escáldicos é o *dróttkvætt*¹², que seria considerado o estilo mais apropriado à corte, composto por um sistema de acentuação, aliteração, rimas internas e uso dos *heiti* e *kenningar*. Outra métrica utilizada em poemas escáldicos é o *lausavísur*, “versos soltos”, estrofes de maior extensão cujos temas e estilo variavam mais (WHALEY, 2005, p. 485). Ainda assim, seguia o esquema de oito versos médios (PORTER, 2017, p. 69).

Apesar de ser mais comum aos poemas éddicos, a *fornyrðislag* também foi usada em poemas escáldicos. Conforme Porter (2017, p. 68), essa estrofe foi utilizada em *erfíkvæði*, poema funerário dedicado ao rei Magnús *berfætr* (pernas desnudas), embora fosse mais comum à forma poética *níðvisur*, versos difamatórios, não sendo considerada própria a reis, dada a sua simplicidade. Ainda há a *kviðuhátt*, semelhante à *fornyrðislag* em silabação, mas mais próxima ao *dróttkvæðr hátt*. Já a inovação de rimas finais se dá no estilo de estrofe chamado *runhent*.

Tendo em vista que o foco deste trabalho é a prosa, não serão pormenorizadas características da poesia. Esta é discutida, entretanto, a fim de elucidar a variedade métrica e estilística da poesia escandinava medieval e a introdução de diferença entre a terminologia escáldica e éddica. Aos interessados, ficam as leituras de Porter (2017) e Whaley (2005).

¹² Do islandês, *drótt* – substantivo referente aos seguidores de um rei; *kvætt*, do verbo *kvæða* – recitar. (PORTER, 2017, p. 58).

3.4 Snorri Sturluson

Conforme apresentado previamente, a tradução aqui abordada se dará a partir do fragmento da Jornada de Þórr a Geirrþóðargarðar na *Edda em Prosa*, obra atribuída a Snorri Sturluson, do período medieval.

Snorri fazia parte de uma família aristocrata islandesa, foi presidente da Alþingi (parlamento islandês) de 1215-1218 e 1222-1231, poeta e historiador. Embora adote uma visão cristã, que se explicita em certos pontos de sua obra, não exerceu atividades ligadas à Igreja, diferentemente de outros escritores da época, que eram clérigos.

Com sua obra, seu objetivo era informar/manter informados seus contemporâneos sobre a origem de alusões poéticas que eram referenciadas na literatura de seu período, a partir de mitos e lendas históricas, permitindo o entendimento dos deuses nórdicos, porém não sem observações embebidas no cristianismo (LARRINGTON, 2014, p. xii).

Faulkes (1995, p. xi) comenta que algumas partes dos eventos narrados por Snorri sobreviveram em outros textos e que parte de suas fontes pode ter sido oral, porém elas provavelmente seriam diferentes do que é visto nos manuscritos, isto é, os manuscritos não seriam meras transcrições das narrativas orais.

3.5 Religião

Carolyne Larrington (2014, p. xii) lembra que Snorri apresentou os principais mitos e lendas heroicas dos escandinavos de forma sistemática, mas que, como sugere Faulkes (1998), a religião pagã nunca fora compreendida sistematicamente pelos seus praticantes. Faulkes vê a religião como “desorganizada”, “com tradições conflituosas”. Sua concepção, porém, é questionável no que diz respeito a “desorganização” e

“inconsistência”, sobre o que McKinnell (1994) comenta que é preciso entender que a mitologia nórdica era formada pela instabilidade, um grupo de cultos, ao qual o conceito de ortodoxia não fazia sentido¹³.

Até onde se sabe, os mitos eram passados oralmente, bem como as poesias éddicas; Snorri pode ter conhecido algumas por meio de compilações de outras obras que continham poesias ou fragmentos poéticos ou por conhecimento de alguns desses mitos passados oralmente mesmo após a cristianização.

Segundo Faulkes (1995, p. xii), na Era Viking, *skáld* são responsáveis pelo entretenimento, criando e apresentando poemas a reis e condes (*jarlar*¹⁴). No século XI, essa atividade é comandada principalmente por islandeses que iam prestar tal serviço na Noruega.

A cristianização da Islândia se inicia por volta de 1000 d.C., entretanto é no século XII que aumentam seu poder e sua influência, e com essa instituição também vem a técnica de escrita de manuscritos.

Nesse período (XII), há, inclusive, a composição de poemas por *skáld* como prática de expressão majoritária. Mas ainda é marcado pelo início da perpetuação dessa literatura em língua vernácula mediante a escrita de manuscritos, influenciados pelo modo de a Igreja exercitar na escrita a perpetuação de certos tópicos.

No século XIII, aos poucos, a prosa passa a se tornar o principal meio de expressão e preservação cultural (FAULKES, 1995, p. xii). Muitas pessoas passaram a registrar a cultura ou escrever textos para entretenimento por meio de manuscritos, seguindo uma

¹³ “It is essential to an understanding of Norse Mythology that this was a religion (or a group of cults) in which there was no such stability, and for which the idea of orthodoxy was meaningless” (MCKINELL; RUGGERINI, 1994, p. 21).

¹⁴ *Jarlar*, do islandês, condes (plural) – *jarl* (singular).

tendência que crescia entre os países escandinavos¹⁵. Essa escrita frequente e um constante desenvolvimento ajudaram a formação da visão da Islândia como um país literário naquele período (FAULKES, 1995, p. xiii).

Muitos manuscritos que temos são das sagas, que são classificadas em subgêneros como *Íslendingasögur*, *konungasögur*, *samtíðarsögur*, *biskupasögur*, *fornaldarsögur* e *riddarasögur*. As primeiras tinham como função “refletir e glorificar a história da Islândia e suas personagens mais destacadas”.¹⁶ As *konungasögur*, sagas de reis, as *samtíðarsögur*, sagas contemporâneas, e as *biskupasögur*, sagas dos bispos islandeses, partilham a característica de voltarem-se a figuras de cunho político e institucional. Ademais, há que se notar a existência das *fornaldarsögur* e *riddarasögur*, sagas lendárias e romances, de cunho ficcional e aventureiro, que se passariam em ambientes exóticos e trariam elementos do sobrenatural.

Uma das *Íslendingasögur*, a *Njáls Saga*, por exemplo, se preservou em cerca de 60 manuscritos – desses, apenas 21 são do período de 1300 a 1600 –, o que indica uma problemática dessa literatura: considerações sobre “original” – ponto que será discutido futuramente.

Porém, conforme Faulkes (1995), poesia e prosa nativas não eram as únicas formas literárias que circularam na Islândia. Sabe-se que literaturas latinas sobre as vidas de santos e literaturas do sul europeu começaram a influenciar o país ainda no século XII, disseminadas por meio de traduções ao nórdico antigo. Faulkes (1995, p. xiii) crê que essa mudança cultural é o que estimulou Snorri na criação de seu “tratado sobre verso

¹⁵ “Literacy reached Scandinavia towards the end of the Viking Age in the eleventh century, and in the twelfth there emerged in Norway and to a greater extent in Iceland a tradition of writing in the vernacular, the language known in English as ‘Norse’.” (ORRI VÉSTEINSSON, 2005).

¹⁶ “Las casi cuarenta sagas anónimas que lo componen supusieron el florecimiento de un género literario cuya función principal era la de reflejar y glorificar la historia de Islandia y de sus personajes más destacados, en algunos casos desde la perspectiva de las clases dominantes del país” (ANTÓN, 2017, p. 141).

escáldico tradicional”, cujo objetivo era o de manter vivo o interesse de jovens poetas pelo estilo oral escandinavo e, com isso, a continuidade da composição nesse estilo, ainda que a forma literária da obra tivesse influência da tradição latina de tratados acadêmicos.

Mesmo que seu objetivo fosse o de manter viva a poesia escáldica e, com isso, tivesse que trabalhar com os mitos e seus *kenningar*, Snorri era cristão e adotava o evemerismo em suas leituras da mitologia – ainda que não por adoção desse termo. Por essa teoria entende-se os deuses como pessoas históricas, que existiram, mas foram erroneamente adoradas pelo povo como deuses. No caso dos Æsir, por exemplo, eles teriam vindo da Ásia Menor, descendentes do rei Príamo, de Troia, que teria vindo à Escandinávia por migração em tempos pré-históricos (FAULKES, 1995, p. xviii). A explicação que dá à adoração desses deuses seria de que os pagãos teriam observado e adorado a natureza e seus fenômenos, daí concluindo a existência de deuses, relacionados a essas figuras “históricas”.

Conforme colocado por Faulkes (1995, p. xix), é valorizável a forma como Snorri ilustra seu texto com citações “cuidadosamente atribuídas”, referenciadas. Em geral, apresenta mais de uma versão ao mesmo mito apontado, não optando por uma necessariamente, o que evidencia a pluralidade de mitos e versões, variabilidade na literatura escandinava medieval.

3.6 Sobre mitos

Como apontado por Lindow (1985, p. 21), o termo *mito* tem origem grega, *muthos*, usado para diferenciar algo dito de algo feito, *ergon*. Com o passar do tempo, tal povo foi alterando o conceito de *muthos* a “lenda”, “ficção”, em contraste a “relato

histórico” (LINDOW, loc. cit.). Essa concepção ainda hoje é partilhada por nós, que popularmente consideramos mitos as histórias sobre deuses e seres sobrenaturais (LINDOW, loc. cit.).

3.7 Sobre a palavra *edda*

Sobre a palavra *edda*, Caloryne Larrington (2014, p. xi) expressa ser incerta sua origem, mas se nota frequentemente seu empergo em contextos sobre “poética” na Islândia no século XIV.

Apesar de a *Edda em Prosa* se mostrar uma obra eficiente em seu objetivo de trazer **um** grande relato da Mitologia Nórdica com variações e mitos que vão da fundação ao fim, a leitura da *Edda Poética*, *Ynglinga saga*, *Saga dos Ynglingos* (primeira parte de *Heimskringla*) e *The History of the Danes* (“A história dos Dinamarqueses”, de Saxo Grammaticus) é imprescindível ao conhecimento de outras versões dos mitos e do entendimento da mitologia pela perspectiva medieval. Outros eventos e mitos também podem ser encontrados em sagas mitológicas medievais islandesas e norueguesas, como a *Völsunga saga*, *Saga dos Volsungos* (FAULKES, 1995, p. xi).

Faulkes aponta as várias explicações dadas ao nome *edda*, desde “o livro de Oddi”, local em que Snorri foi criado; a uma relação com *ódr*, que significa poesia em islandês antigo; como tataravó; relacionado ao substantivo próprio feminino Edda; até a referência dessa palavra como “poética” na Idade Média (1995, p. xx).

Faulkes coloca algumas dessas referências como improváveis histórica e linguisticamente, e a última, em minha opinião, parece mais provável, haja vista o objeto

de seu texto. Mas o autor ainda adiciona uma possibilidade de ter sido um neologismo criado por Snorri a partir de *edo*, palavra latina que significa “eu componho” (1995, p. xxi).

3.8 Manuscritos

As *Eddas*, tanto em prosa quanto em poesia, foram eternizadas em manuscritos diversos, modo pelo qual o conhecimento circulava. Vale notar, porém, que como as concebemos atualmente nem sempre corresponde a como elas se apresentam nos manuscritos. Conforme Boulhosa (2004, p. 14):

Todas as edições modernas da *Edda* em prosa se baseiam na idéia do “texto original” e nenhuma delas reflete o testemunho dos manuscritos medievais, que apresentam textos muito diferentes entre si. Portanto, a própria idéia de uma única *Edda* em prosa é uma construção moderna.

O Codex Regius da *Edda Poética*, GKS 2365 4º, traz muitos poemas éddicos, contudo, de modo geral, edições da *Edda Poética* costumam reportar-se a outros manuscritos ainda e poemas éddicos de outras obras com fim de completude, consoante informado por Larrington (2014, p. x).

O Codex Regius da *Edda em Prosa* é identificado por GKS 2367 4º – manuscrito que foi enviado pelo bispo islandês Brynólfur Sveinsoon, em 1662, ao Rei norueguês Frederik III, juntamente com o Codex Regius da *Edda Poética* (HEIMIR PÁLSSON, 2012, p. xxxii). Arngrímur Jónsson, o “sábio”, deu a Ole Worm um manuscrito da *Edda em Prosa* conhecido como Codex Wormianus ou Wormsbók (AM 242 fol) – estima-se ser posterior à Uppsala Edda DG 11 4º (HEIMIR PÁLSSON, 2012, p. xxxii). Há,

inclusive, uma cópia, Codex Trajectinus ou Trektarbók, produzida no final do século XVI, que foi preservada em Utrecht, Holanda. O manuscrito do qual foi copiado perdeu-se, mas é considerado próximo ao Codex Regius.

Heimir Pálsson (2012) considera que as duas versões principais da *Edda em Prosa* encontram-se nos códigos Regius (GKS 2367 4º) e de Uppsala (DG 11 4º). Certos relatos e histórias presentes no Codex Regius (GKS 2367 4º) são apresentados mais brevemente na Uppsala Edda; a ordem da obra e as longas citações de Þórsdrápa, Haustlong, Ragnarsdrápa e Grottasǫngr fazem-se presentes nos códigos Regius, Trajectinus e Wormianus, mas não no código de Uppsala (FAULKES, 1998, p. 25-30).

A Jornada de Þórr a Geirrðargarðar, entretanto, se mostra semelhante em ambos os códigos da *Edda em Prosa*, Regius (GKS 2367 4º) e de Uppsala (DG 11 4º), partilhando quase as mesmas palavras, com exceção da falta da Þórsdrápa em DG 11 4º.

Neste trabalho, utilizo o texto editado por Anthony Faulkes, que é baseado no Codex Regius (GKS 2367 4º) com correções e emendas dos manuscritos Trajectinus e Wormianus. Essa edição é encontrada em *Edda: Skáldskaparmál*, publicado pela Viking Society for Northern Research, University College London, em 1998.

3.9 Sobre as seções da *Edda em Prosa*

É importante lembrar que, conforme Boulhosa (2004, p. 14), as edições da *Edda em Prosa* a que temos acesso não refletem a concepção dos manuscritos medievais, e essa ideia de obra una trata-se, portanto, de interpretação moderna.

Analisando a *Edda em Prosa* na forma preservada pelo manuscrito Regius, temos uma obra composta por prólogo (apesar de não ser identificado por esse título no manuscrito), *Gylfaginning*, *Skáldskaparmál* e *Háttatal*.

O prólogo, de acordo com Boulhosa (2004, p. 15), “faz parte de uma tradição cristã que procura integrar os deuses ‘pagãos’ à história da humanidade, e explica que os deuses nórdicos eram antigos mágicos vindos de Tróia, que se estabeleceram na Escandinávia em tempos ancestrais”. Boulhosa (2004, p. 15) também explica como essa tradição se desenvolve a partir da teoria de Euhemeros (c. 316 a.C.), que entendia que os deuses gregos seriam homens e mulheres deificados, bem como os deuses nórdicos no prólogo de *Gylfaginning*, conforme abordado na seção Religião.

Gylfaginning, “a trapaça de Gylfi”, seguindo a organização do poema éddico *Völuspa*, inicia-se com a explicação da origem do cosmos até seu fim, cuja finalidade era a de contextualizar a origem dos *kenningar* e *heiti* presentes em *Skáldskaparmál*, importantes à poética cristã e pré-cristã. Aqui o diálogo é conduzido por três figuras, Hár (Soberano, Elevado), Jafnhár (Igualmente Soberano, Elevado) e Þriði (Terceiro) em resposta a sueco rei lendário disfarçado, em uma contenda de sabedoria, comum ao poema éddico *Vaþrúðnismál* (FAULKES, 1995, p. xvii).

Essa seção da *Edda* é constituída principalmente por poesias éddicas, enquanto nas outras seções abundam poesias escáldicas. Heimir Pálsson (2012, p. xvi) comenta como alguns poetas foram mais representados que outros na *Edda de Snorri*, sendo Einarr Skálaglan, Einarr Skúlason, Þjóðolfr Árnórsson, Hofgarða, Refr, Bragi Boddason e Eyvindr Skáldaspillir os que mais aparecem nas citações.

Skáldskaparmál, “a língua da poesia”, é iniciada por um diálogo entre Ægir (deus do mar) e Bragi (deus da poesia), com este apresentando ao outro diversos eventos

mitológicos, cujo intuito de Snorri seria o de explicar *kenningar* e *heiti* e suas origens particulares. Faulkes (1995) defende que algumas dessas narrativas podem ter sido adicionadas posteriormente, visto que tal seção apresenta revisões de diferentes mãos em diversos manuscritos; ainda assim, acredita-se que pudessem ser conhecidas a Snorri por sua referência nas partes em prosa.

As citações dessa seção não são obras de Snorri, mas de diversos poetas e poemas antigos, alguns da Noruega, outros da Islândia, muitos deles conhecidos apenas pela citação de Snorri (FAULKES, 1995, p. xvi). Além disso, há uma lista de sinônimos aos *kenningar* nessa seção, que, apesar de geralmente não ser atribuída a Snorri, por não ser comum a todos os manuscritos da *Edda em Prosa*, pode ser considerada um tesouro primitivo, como explica Faulkes (1995, p. xvi).

Háttatal, “lista de formas de verso”, é uma parte que se aproxima dos tratados latinos, conforme Faulkes (1995, p. xv). Segundo Boulhosa (2004, p. 16), “essa seção expõe 102 estrofes, redigidas em cem métricas diferentes com o objetivo de exemplificar grande variedade dos versos correntes”, também havendo explicações de aliteração, rima, além de ferramentas retóricas (FAULKES, 1995, p. xv). Sua importância recai no fato de apresentar e eternizar normas e regras por trás da prática poética da época em questão. No manuscrito Regius da *Edda em Prosa*, há dois poemas de *Háttatal* que não se apresentam nos códigos Wormianus e Upsaliensis (BOULHOSA, 2004, p. 14).

Como apontado por Boulhosa (2004, p. 14), o *Skáldskaparmál* e o *Háttatal* apresentam diferenças difíceis de serem determinadas, dado o fato de essas seções nos códigos Wormianus e Upsaliensis estarem incompletas. Tendo em vista essas questões, utilizo o manuscrito Regius da *Edda em Prosa*.

3.10 Gigantes

Uma vez que mais velhos entre as personagens da mitologia nórdica, os gigantes são vistos como sábios, possesores de um conhecimento ancestral. Buscadores de tesouros ou mulheres, estes costumam ser o motivo de suas querelas com os deuses.

Conforme apontado por Lindow (1985, p. 27), sabe-se que Þórr era o mais conhecido entre os deuses nos últimos séculos pagãos. Além de artefatos arqueológicos e grandes referências a ele em muitos nomes de cidades, tal fato pode ser comprovado pela abundância de histórias sobre esse deus, principalmente por sua matança de gigantes, tema comum aos poemas escáldicos e, por consequência, muito presente na *Edda de Snorri*. Nessa obra, as mais extensas narrativas são aquelas sobre Þórr. Vale notar, porém, que a *Edda Poética* diverge nesse ponto, apresentando maior diversidade ou equilíbrio entre os deuses e seus eventos.

3.11 Sintaxe

No que diz respeito à sintaxe, o islandês antigo é bem particular se comparado ao português e a outras línguas modernas, pois, ao contrário destas, tem uma flexibilidade maior de ordenação de elementos em frase. Essa flexibilidade é devida ao fato de haver casos às suas palavras, de modo que, independentemente da ordem em que se encontrem, costuma ser facilitado o entendimento de sua função na frase. Apesar disso, há certa regularidade em sua apresentação: o verbo costuma apresentar-se em segunda posição, não necessariamente como segundo elemento. Isto é, em casos com locuções adjetivas, predicativos ou outros elementos que são compostos por mais de uma palavra, porém

com função única, conta-se não o número de palavras, mas o conjunto de elementos relacionados, desse modo o verbo está sempre em primeira ou segunda posição.

Outra particularidade é encontrada no uso de pronomes reflexivos e ou vocativos acoplados aos verbos, como “Vaxattu”, em que o pronome “þú” foi unido a “Vax”, criando “Vaxattu”, com alteração de “þ” a “t”.

3.12 Pronúncia

Apesar das semelhanças entre Islandês antigo e Islandês moderno, seus sistemas consonantais e vocálicos diferem entre si e em relação ao português. Como parte dessa tradução utiliza a grafia da língua islandesa antiga, também uso esse sistema de pronúncia, não o moderno. Essas notas têm como referência a tese de doutorado de Théó de Borba Moosberg (2014). Assim:

á – o som se aproxima ao som da vogal “a” do português, porém longo.

a – o som é próximo ao da vogal “a” do português, porém tem duração curta.

é – sua sonoridade é próxima ao som de “e” em escola, porém longo.

e – sua sonoridade é próxima ao som de “e” em escola, porém com duração curta.

í – tem som similar ao “i” do português, porém longo.

i – tem som similar ao “i” do português, porém com duração curta.

ó – é comparável a “xô” no português, porém longo.

o – é comparável a “xô” no português.

ú – é semelhante a “u” no português, porém longo.

u – é semelhante a “u” no português, porém tendo duração curta.

ý – tem som similar a “ue” em “rue” (francês), longo.

y – tem som similar a “ue” em “rue” (francês), com duração curta.

æ – sua sonoridade é próxima a “é” na palavra “fé”, aberto e longo.

œ – a sonoridade é próxima ao “ö” do alemão, longo.

ø – a sonoridade é próxima ao “ö” do alemão, com duração curta.

q – é semelhante a “o” na palavra “pó”, aberto e curto.

A maioria das consoantes são próximas às que utilizamos no português, como *b*, *d*, *f*, *l*, *n*, *r* e *v*. *H* marca aspiração e o som é similar ao *h* em “hi”, do inglês. Porém, conforme apontado por Moosberg (2018, p. 15), “Um dígrafo como *th* ou *ph* não deve ser lido como em inglês. Assim, *Skarpheðinn* deve ser pronunciado *Skarp-heðinn*”.

Oj tem som de semivogal, normalmente se apresentando próximo a outras vogais, como em “saia”. O *ll* tem som próximo a *tl*; *rr* é semelhante ao *r*, porém prolongado; *p* tem som de *th* surdo do inglês, como em *think*; *ð* tem o som do *th* vozeado do inglês, como em *mother*.

Em casos de palavras compostas, como “*Geirrøðargarðar*”, a primeira palavra tem som mais acentuado e onde ela acaba tem-se uma leve pausa que separa ambas no discurso – “*Geirrøðar/garðar*”.

4. AS TRADUÇÕES

4.1 Original

O fragmento a seguir é derivado de Sturluson (1998, p. 24-25), da seção *Skáldskaparmál*, da edição de Anthony Faulkes à Viking Society for Northern Research. Observa-se que asteriscos marcam palavras que foram corrigidas e palavras que foram omitidas pelo escriba são adicionadas entre colchetes < > (FAULKES, 1998, p. li). O original será trazido ao lado da tradução, de modo que se possa ter uma referência clara entre ambos, tal como edições de tradução bilíngues. Um adendo se faz à pontuação, que no manuscrito em questão foi adaptada à pontuação britânica, enquanto no original há uso de travessão, conforme explicação de Boulhosa em consulta do trabalho, motivo pelo qual adoto os travessões do original.

4.2 Domesticadora

Ao criar esta tradução domesticadora, busca-se trazer a obra estrangeira ao doméstico por meio do uso de clarificação, como pela adoção de locuções adjetivas em vez da tradução da forma dos *kenningar* e usando os substantivos pessoais em contextos em que o original utiliza pronomes, facilitando a leitura. A racionalização também é adotada na maneira como se opta por reorganização de elementos e estruturas ao modo mais comum à língua-meta. Adaptam-se também os substantivos pessoais ao português, tendo-se Gueirodur, por exemplo, utilizando símbolos linguísticos que ajudarão o leitor na pronúncia das palavras durante a leitura – g > gu, ð > d, ll > tl, Þ > Th. As estratégias tradutórias empregadas serão comentadas com mais detalhes após a tradução.

Þá mælir Ægir:

– Mikill þótti mér Hrungnir fyrir sér. Vann Þórr meira þrekvirki nokkvot þá er hann átti við tröll?

Þá svarar Bragi:

– Mikillar frásagnar er þat vert er Þórr fór til Geirrøðargarða. Þá hafði hann eigi hamarinn Mjöllni eða megingjarðar eða járngreipr, ok olli því Loki. Hann fór með honum, þvíat Loka hafði þat hent þá er hann flaug einu sinni at skemta sér með valsham Friggjar at hann flaug fyrir forvitni sakar í Geirrøðargarða ok sá þar höll mikla, settisk ok sá inn of glugg. En Geirrøðr leit í móti honum ok mælir at taka skyldi fuglinn ok færa honum. En sendimaðr komsk nauðuliga á hallar vegginn, svá var hann hár. Þat þótti Loka gott er hann sótti erfiðliga til hans ok ætlaði sér stund at fljúga eigi upp fyrr en hann hafði farit alt torleiðit. En

Então Éguir diz:

– Hrungnir me parece grandioso. Thor conquistou algum arrojo maior contra trolls?

Então Bragui responde:

– As narrativas que versam sobre como Thor foi à morada de Gueirodur são grandiosas. Então ele não tinha o martelo Miotlinir ou seu cinto de poder ou suas garras de ferro, e Loki havia causado isso. Thor foi com ele porque Loki, que havia sucedido voar para se divertir com a forma de falcão de Frig, voou por curiosidade sobre a morada de Gueirodur e viu ali um salão grandioso, sentou-se e olhou pela janela. Mas Gueirodur o viu e disse que deviam pegar o pássaro e trazer-lhe. Porém o enviado chegou com dificuldade à parede do salão, pois ela era alta. Loki achou bom que o enviado teve dificuldade a chegar a ele e considerou, por um momento, não voar até que o homem tivesse percorrido toda a difícil passagem. Mas

er maðrinn sótti at honum þá beinir hann fluginn ok spyrnir við fast ok eru þá fœtrnir fastir. Var Loki tekinn þar hǫndum ok fœrðr Geirrœði jǫtni. En er hann sá augu hans þá grunaði hann at maðr mundi vera ok bað hann svara, en Loki þagði. Þá læsti Geirrœðr Loka í kistu ok svelti hann þar þrjá mánuðr. En þá er Geirrœðr tók hann upp ok beiddi hann orða, ok sagði Loki hverr hann var, ok til *fjǫrlausnar vann hann Geirrœði þess eiða at hann skyldi koma Þór í Geirrœðargarða svá at hann hefði hvárki hamarinn né megingjarðar. Þórr kom til gistingar til gýgjar þeirar er Gríðr er kǫlluð. Hon var móðir Viðars hins þøgla. Hon sagði Þór satt frá Geirrœði at hann var jǫtunn hundvís ok illr viðreignar.

quando o homem chegou a ele, então o pássaro bateu as asas e os pés com força, porém os pés estavam presos. Loki foi pego pelas mãos e entregue ao gigante Gueirodur. Entretanto, quando Gueirodur viu os olhos de Loki, ele suspeitou que o pássaro fosse um homem e ordenou que Loki falasse, mas ele silenciou. Então Gueirodur confinou Loki em um baú a definir por três meses. Porém, quando Gueirodur o tirou de lá e lhe obrigou a falar, e Loki disse quem ele era, então, pela liberação à vida que ele ganhou de Gueirodur, Loki prometeu que ele iria trazer Thor à morada do gigante, de modo que ele não teria nem seu martelo nem seu cinto de poder. Thor veio aos aposentos da gigante chamada Grídur. Ela era mãe de Vídar, o silencioso. Ela contou a Thor verdades sobre Gueirodur, que ele era um gigante muito sábio e difícil de lidar.

Hon léði honum megingjarða ok
járngreipr er hon átti ok staf sinn er heitir
Gríðarvölr. Þá fór Þórr til ár þeirar er
Vimur heitir, allra á mest. Þá spenti hann
sik megingjörðum ok studdi forstreymis
Gríðarvöl, en Loki helt undir
megingjarðar. Ok þá er Þórr kom á miðja
ána þá óx svá mjök áin at uppi braut á ǫxl
honum. Þá kvað Þórr þetta:

(72) – Vaxattu nú, Vimur,
alls mik þik vaða tíðir
jǫtna garða í;
veiztu ef þú vex
at þá vex mér ásmegin
jafnhátt upp sem himinn.

– Þá sér Þórr uppi í gljúfrum
nokkvorum at Gjálp, dóttir Geirrøðar,
stóð þar tveim megin árinna ok gerði
hon árvøxtinn. Þá tók Þórr upp ór ánni
stein mikinn ok kastaði at henni ok mælti
svá:

– At ósi skal á stemma.

– Eigi misti hann þar er hann
kastaði til. Ok í því bili bar hann

Ela emprestou a Thor seu cinto de poder,
suas garras de ferro e seu bastão
chamado Gríðarvotlur. Então Thor foi ao
rio Vimur, o maior de todos. Ali, ele
apertou seu cinto de poder e segurou
Gríðarvotlur correnteza abaixo, mas
Loki o puxou. E assim Thor chegou ao
meio do rio, que na ocasião crescia muito
acima de seus ombros. Nesse momento
Thor exclamou:

– Não cresça agora, Vimur,
pois desejo atravessar você
ao reino dos gigantes;
saiba que se você cresce
então cresce meu poder divino,
tão alto como o céu.

– Então Thor vê ao alto de certa
ravina Guialp, filha de Gueirodur, que
estava com seus pés nas duas bordas do
rio e causava o seu aumento. Naquela
ocasião Thor levantou uma pedra grande
do chão do rio, jogou nela e disse assim:

– Na foz deve parar.

– Ele não falhou quando
arremessou. E naquele momento ele

at landi ok fekk tekit reynirunn nokkvorn ok steig svá ór ánni. Því er þat orðtak haft at reynir er björg Þórs.

– En er Þórr kom til Geirrøðar þá var þeim félögum vísat fyrst í geitahús til herbergis, ok var þar einn stóll til sætis ok sat þar Þórr. Þá varð hann þess varr at stóllinn fór undir honum upp at ræfri. Hann stakk Gríðarveli upp í raptana ok lét sígask fast á stólinn. Varð þá brestr mikill ok fylgði skrækr mikill. Þar hófðu verit undir stólinum dætr Geirrøðar Gjálp ok Greip, ok hafði hann brotit hrygginn í báðum.

– Þá lét Geirrøðr kalla Þór í hollina til leika. Þar vátu eldar stórir eptir endilangri hollinni. En er Þórr kom

chegou à margem, segurou em uma espécie de árvore chamada tramazeira e assim escalou para fora do rio. Daí vem a expressão de que tramazeira é ajuda de Thor.

– Mas quando Thor chegou a Gueirodur, então ele e seus companheiros foram direcionados às acomodações da casa das cabras, e havia só uma cadeira para se sentar. Ali Thor se sentou. Lá ele viu que a cadeira abaixo dele erguia-se para cima do telhado. Ele ergueu Gríðarvotlur às ripas e deixou-se cair firme na cadeira. Apareceu ali grande rachadura e acompanhou grande grito. Ali haviam estado sob a cadeira as filhas de Gueirodur, Guialp e Greip, e ele havia esmagado a coluna de ambas.

– Então Gueirodur pediu que chamassem Thor ao salão para jogar. Lá havia grande fogo por toda a extensão do salão. Mas quando Thor veio

í hollina gagnvart Geirrøði þá tók Geirrøðr með tǫng járnslú glóandi ok kastar at Þór, en Þórr tók í móti með járngreipum ok færir á lopt slúna, en Geirrøðr hljóp undir járnslú at forða sér. Þórr kastaði slunni ok laust gǫgnum slúna ok gǫgnum Geirrøð ok gǫgnum vegginn ok svá fyrir útan «í» jǫrðina.

à frente de Gueirodur no salão, então este pegou brasa de ferro radiante e arremessou em Thor. Entretanto, Thor a pegou com garras de ferro e a brasa foi para cima. Porém Gueirodur correu para trás da coluna de ferro para se esconder. Thor arremessou a brasa radiante e ela passou pela coluna, por Gueirodur, pelo teto e assim no solo do lado de fora.

4.2.1 Resultados

Domesticadora, essa versão tradutória pouco, se, nos dá o sabor do diferente, do outro da língua islandesa antiga adaptada ao português. Assim, primou-se pela ordenação sintática mais comum ao português; ordenação substantivo-adjetivo, tentativa de não repetição de conjunções e explicitações do nome das personagens em diversos contextos em que o original previa o uso do pronome reto ele.

Na adaptação dos substantivos pessoais ao português, conforme comentado anteriormente, foram utilizados símbolos linguísticos que poderiam auxiliar o leitor na pronúncia das palavras durante a leitura – g > gu, ð > d, ll > tl, Þ > Th, Æ > É. Dessa maneira, temos: Geirrøðir – Gueirodur, Þórr – Thor, Gríðarvǫllur – Grídarvotlur, Gríðir – Gridir, Víðarr – Vídar, Gjálp – Guialp, Ægir – Éguir, Bragi – Bragui. A tradução de Þórr por Thor, principalmente, é algo que remete ao modo como os leitores leigos poderiam ter entrado em contato com a refração da divindade, sobretudo mediante a

figura heroica de quadrinhos e filmes da Marvel. Nisso, à leitura de Berman (2007), poderíamos entender a língua inglesa e sua leitura e adaptação de P como a terceira língua usada a essa tradução.

“Garðar”, que no original está acoplado a Geirrørðar, formando palavra composta por substantivo pessoal em modo genitivo mais substantivo, foi transformada na locução adjetiva “morada de Gueirodur”, havendo uma domesticação não apenas de fonética mas também de vocábulos, numa clarificação do original.

Repetições são, outrossim, evitadas, com “en” em casos seguidos sendo trocado por variadas conjunções adversativas (mas, porém etc.). Nesse sentido, a repetição de conjunções em contextos próximos, evitada frequentemente em textos na língua-meta, é evitada na tradução também, indo contra o original, que repete sua conjunção adversativa “en” continuamente. Este é outro exemplo que deixa entrever ação tradutória deformatória, segundo leitura de Berman (2007), em que o enobrecimento é empregado ao “embelezar” o original na apresentação de vocábulo versificado a algo que o original prevê repetido.

Ao início da narrativa, em “Então Éguir diz: – Hrungr me parece grandioso. Thor conquistou algum arrojo maior contra trolls?” muitas estratégias de domesticação são adotadas, iniciando pela inversão da ordem sintática do original, que teria “Então Éguir diz”, “Grandioso parece-me Hrungr” e “Conquistou Thor” como ordem estrangeirizante tradutória. Com isso, tem-se racionalização e a etnocentricidade marcada é a da língua-meta. O mesmo se dá na tradução “As narrativas que versam sobre como Thor foi à morada de Gueirodur são grandiosas”, em que a ordem tradutória mais próxima à letra do original indicaria “Grandiosas são as narrativas que versam sobre...”. Essa postura domesticadora busca trazer o texto à tradição da cultura literária meta e à sua

norma-padrão, não adotando inversões adjetivo-substantivo que o original partilha com o inglês, por exemplo. O mesmo se dá em “viu ali um salão grandioso”, entre outros trechos da tradução.

Em casos de alta repetição de pronomes, como em “Þat þótti Loka gott er hann sótti erfiðliga til hans ok ætlaði sér stund at fljúga eigi upp fyrr en hann hafði farit alt torleiðit”, em que temos “hann”, “hans, e “hann” novamente, ao original não se trata de repetição, pode-se prever sobre quem se fala e sua função na frase, enquanto a tradução “ele” ao português prevê um texto repetitivo e pode se apresentar confusa quanto a quem o pronome “ele” se refere. Assim, a tradução clarifica o original com “Loki achou bom que o enviado teve dificuldade a chegar a ele e considerou não voar até que o enviado tivesse percorrido toda a difícil passagem”.

Novamente encontramos caso parecido em “En er hann sá augu hans þá grunaði hann at maðr mundi vera ok bað hann svara, en Loki þagði”, em que a forma de casos do original permite a repetição de pronomes sem prejuízo de entendimento quanto a qual personagem se refere, enquanto ao português isso é dificultado. É assim que, nessa frase, em que há apenas uma menção de substantivo pessoal, temos a clarificação no uso de mais substantivos pessoais a fim de “esclarecer” a quem os pronomes “hann” e “hans” referem-se: “Mas quando Gueirodur viu os olhos de Loki, ele suspeitou que o pássaro fosse um homem e ordenou que Loki falasse, mas Loki silenciou”. Desse modo, temos Gueirodur como o referido no primeiro “hann” e no segundo ele é referido pelo pronome pessoal reto “ele”. Já “hans” e o terceiro “hann” são usados para se referirem a Loki, que aqui tem seu nome mencionado em vez do uso de pronomes pessoais.

O trecho “Porém, quando Gueirodur o tirou de lá e lhe obrigou a falar, e Loki disse quem ele era, então, pela liberação à vida que ele ganhou de Gueirodur, Loki prometeu que ele iria trazer Thor à morada do gigante, de modo que ele não teria nem seu

martelo nem seu cinto de poder” mostra mais de uma adição na tradução de fim clarificante, com menção de Loki e “do gigante” para relacionar a Gueirodur. Assim, temos a adição “de lá”, que, no original, se dá por “tokk... upp”, que não traz tal referente de espaço. “fjorlausnar” é um dos compostos que não é mantido de modo composto ao português nessa tradução; logo, não temos vida-liberação, por exemplo, havendo “liberação à vida” na tradução, em mais uma racionalização.

Em “Loki prometeu que ele” também há adição da tradução da figura de Loki e o pronome na tentativa de clarificação quanto a quem se refere a ação no contexto. Isso se deve ao fato de haver uma longa frase, com referências a figuras diferentes, mas que podem ser confundidas no contexto. Dessa forma, a domesticação cumpre seu papel de facilitar a leitura.

No trecho “Thor veio aos aposentos da gigante chamada Grídur”, o original prevê “da gigante que Grídur é chamada”, porém, levando a tradução à domesticação, omite-se “que... é chamada” e adapta-se a “da gigante chamada Grídur, trazendo o original à cultura-meta.

Ao trazer “Ela emprestou a Thor seu cinto de poder, suas garras de ferro e seu bastão chamado Grídarvotlur”, a tradução domestica o islandês com o uso dos pronomes possessivos “seu” e “suas” e a racionalização da sintaxe original pelo uso de listagem por vírgulas em vez da repetição da conjunção aditiva – o que vemos no original e se mostra estrangeiro ao leitor do português.

Em “Então Thor foi ao rio Vimur, o maior de todos”, temos a alteração da ordenação de elementos na tradução. Se no original encontramos “allra á mest”, de todos o maior, na tradução domesticadora temos “o maior de todos”, tal qual ordenação mais

comum à língua-meta. Também há omissão de “que é chamado” na tradução, que torna a referência direta com “ao rio Vimur”, em outra racionalização.

No fragmento “Ali, ele apertou seu cinto de poder e segurou Gríðarvotlur correnteza abaixo, mas Loki o puxou. E assim Thor chegou ao meio do rio, que na ocasião crescia muito acima de seus ombros. Nesse momento Thor exclamou” temos muitas deformações do original, iniciando pela referência “o puxou”, ao tratar do cinto que Thor aperta, com isso tem-se omissão do vocábulo do original, que traz “puxou o cinto de poder”. Nas frases seguintes, “na ocasião” e “nesse momento” são utilizados em substituição a então, que seria a conjunção mais adequada e repetida no contexto. Ao tratar de tradução domesticadora, há o enobrecimento do original pela adoção de heterogeneidade conjuntiva onde o original prevê homogeneidade.

Já em “Vaxattu nú”, tem-se “Não cresça agora”, a estrutura da língua-meta não permite prever “Cresça-não-te” do original nem mesmo “Não cresça-te”, pois, em frases iniciadas pela negativa, o pronome vem em seguida, entre negação e verbo. Há que notar também que, ao português, imperativos não costumam ser acompanhados por pronome pessoal; desse modo, a tradução domestica a língua-fonte com “Não cresça agora”.

Nos versos identificados por (72) no original, temos o frequente uso do pronome “þú” em islandês, e, ao português brasileiro contemporâneo, “você” seria o mais usual, embora tenhamos “tu”. No trecho “alls mik þik vaða tíðir”, o objeto “você” vem como terceiro elemento no verso. Ainda que possamos trabalhar com o emprego de “você” como segundo elemento na frase, quase mantendo a mesma ordenação de referência, a tradução domesticadora altera isso, trazendo o objeto ao final da frase, o que é mais comum ao português: “pois desejo atravessar você”. Em “saiba que se você cresce”, “que” é adição da versão domesticadora e tem como fim clarificar o trecho em questão por meio da forma linguística mais comum ao português, e, ao omitir “tu”, resgata a forma

imperativa que é adotada no primeiro verso, o que seria mais comum à língua portuguesa nesse contexto em que há um diálogo direto sendo estabelecido entre um “eu” e um “tu” – “veiztu ef þú vex”.

Há outra alteração de cunho domesticador em “estava com pés nas duas bordas do rio e causava o aumento dele”. Se no original temos a repetição do substantivo “rio” – “stóð þar tveim megin árinna ok gerði hon árvøxtinn” –, na tradução ela é evitada com o uso do pronome possessivo “dele”, que traz referência ao “rio”, apresentado anteriormente na frase.

O trecho “e causava o seu aumento. Naquela ocasião Thor levantou uma pedra grande do chão do rio, jogou nela e disse assim” traz sequências de domesticação com “o seu aumento” em vez de “o aumento do rio”, fazendo-se referência ao rio, porém com o uso do pronome “seu”. “Naquela ocasião” também é deformação de cunho enobrecedor, que busca heterogeneizar o original, tal qual a tradição da língua portuguesa padrão. Mais uma vez a ordem substantivo-adjetivo é adotada em detrimento da ordem adjetivo-substantivo do original em “uma pedra grande”.

Grande domesticação tem-se em “Daí vem a expressão de que tramazeira é ajuda de Thor”, pois se altera “Por isso” por “Daí”, que traz o sentido de “origem” pertinente ao contexto.

O trecho “Ali Thor se sentou. Lá ele viu que a cadeira abaixo dele erguia-se para cima do telhado” traz alteração da ordem do original com “Thor se sentou”, mais comum ao português, que “Ali se sentou Thor”; também se altera “então” por “lá”, buscando trazer referência espacial, mais que conjuntiva, com mais uma deformação e não seguimento de repetição de vocábulos.

A “valsham” temos a domesticação “forma de falcão de Frig”, formada por locução adjetiva em vez da criação de neologismo mais próximo aos *kenningar*.

Mais domesticações são tidas no trecho “no salão, então este pegou brasa de ferro radiante e arremessou em Thor. Entretanto, Thor a pegou com garras de ferro e a brasa foi para cima. Porém Gueirodur correu para trás da coluna de ferro para se esconder”, onde as expressões “Entretanto” e “Porém” marcam alteração sintática em relação ao original, que, em vez de ter três sentenças, tem apenas uma. A quebra dos eventos em mais sentenças que o original busca uma racionalização que traga o estrangeiro ao doméstico, com uma sequenciação de ações de forma independente. Também se negligencia a repetição da conjunção “en” com a variabilidade no uso de “Entretanto” e “Porém”.

A “gognum”, numa tentativa de domesticação, a tradução traz o verbo “atravessou”, transformação do advérbio “gognum” em verbo conjugado ao português e sua tradução domesticadora.

Assim, facilita-se a leitura, sem prévia do estrangeiro, e permite-se notar os desafios da tradução entre línguas díspares.

4.3 Estrangeirizante

Ao tratar desta tradução como estrangeirizante, refiro-me ao conceito de Berman (2007), que promove a tradução que deixe evidenciar o outro do original, numa intenção de permitir ao leitor experimentar o estrangeiro, não apenas como língua mas também como cultura. Então haverá diversos indícios do outro nesta nova tradução, com substantivos pessoais sendo mantidos tal qual na língua de origem e uso de neologismos, por uma sintaxe que, embora não seja prevista como agramatical, por vezes não prevê a ordem mais comum à norma culta do português contemporâneo brasileiro. As estratégias tradutórias empregadas serão comentadas com mais detalhes após a tradução.

Þá mælir Ægir:

– Mikill þótti mér Hrungr fyrir sér. Vann Þórr meira þrekvirki nokkvot þá er hann átti við tröll?

Þá svarar Bragi:

– Mikillar frásagnar er þat vert er Þórr fór til Geirrðargarða. Þá hafði hann eigi hamarinn Mjöllni eða megingjarðar eða járngreipr, ok olli því Loki. Hann fór með honum, þvíat Loka hafði þat hent þá er hann flaug einu sinni at skemta sér með valsham Friggjar at hann flaug fyrir forvitni sakar í Geirrðargarða ok sá þar holl mikla, settisk ok sá inn of glugg. En Geirrðr leit í móti honum ok mælir at taka skyldi fuglinn ok færa honum. En sendimaðr komsk nauðuliga á hallar vegginn, svá var hann hár. Þat þótti Loka gott er hann sótti erfiðliga til hans ok ætlaði sér stund at fljúga eigi upp fyrr en hann hafði farit alt torleiðit. En er

Então diz Ægir:

– Grandioso parece-me Hrungr em si. Conquistou Þórr algum arrojo maior que ele teve contra trolls?

Então responde Bragi:

– Grandiosas narrativas são as que versam sobre como Þórr foi a Geirrðargarðar¹⁷. Então não tinha ele o martelo Mjöllnir ou poder-cinto ou járnicas¹⁸ garras, e a causa disso: Loki. Ele¹⁹ foi com ele, porque Loki, que havia sucedido voar certa vez para se divertir com a falconiforma²⁰ Friggja²¹, voou, por curiosidade, sobre Geirrðargarðar e viu ali salão grandioso, sentou-se e olhou pela janela. Mas Geirrðr o viu e disse que pegar o pássaro deveriam e trazer a ele. Mas o enviado-homem chegou com dificuldade à do salão parede, pois era, ela, alta. Loki achou bom que ele alcançou dificultosamente e considerou a si, por um momento, não voar até que ele tivesse subido toda a difícil passagem. Mas quando

¹⁷ Morada de Geirrðr.

¹⁸ *Járn*, do islandês, ferro. Na tradução, de ferro.

¹⁹ Þórr.

²⁰ Falconiforma – forma de falcão, adereço de Frigg.

²¹ Friggja – *Friggjar*, do islandês, de Frigg.

maðrinn sótti at honum þá beinir hann fluginn ok spyrnir við fast ok eru þá fœtrnir fastir. Var Loki tekinn þar höndum ok færðr Geirrøði jötni. En er hann sá augu hans þá grunaði hann at maðr mundi vera ok bað hann svara, en Loki þagði. Þá læsti Geirrøðr Loka í kistu ok svelti hann þar þrjá mánuðr. En þá er Geirrøðr tók hann upp ok beiddi hann orða, ok sagði Loki hverr hann var, ok til *fjorlausnar vann hann Geirrøði þess eiða at hann skyldi koma Þór í Geirrøðargarða svá at hann hefði hvárki hamarinn né megingjarðar. Þórr kom til gistingar til gýgjar þeirar er Gríðr er kǫlluð. Hon var móðir Viðars hins þogla. Hon sagði Þór satt frá Geirrøði at hann var jötunn hundvíss ok illr viðreignar.

o homem chegou a ele, então, as pernas ele levantou em voo e bateu asas com firmeza, e estavam, porém, os pés, presos. Foi, Loki, pego pelas mãos e entregue ao gigante Geirrøðr. Mas quando ele viu os olhos daquele, então suspeitou ele que homem poderia ser e o ordenou ele a falar, mas Loki silenciou. Então Geirrøðr confinou Loki em um baú e o deixou a definhar por três meses. Mas quando Geirrøðr tirou ele e solicitou que falasse, e disse Loki quem ele era, e pela vida-liberação que ganhou ele de Geirrøðr, fez juramento de que ele iria trazer Þórr a Geirrøðargarðar, de modo que ele não teria o martelo, ou o poder-cinto. Þórr veio aos aposentos da gigante que Gríðr é chamada. Ela era mãe de Víðarr, o silencioso. Ela disse a Þórr verdades de Geirrøðr, que ele era um gigante muito sábio e difícil de lidar.

Hon léði honum megingjarða ok
járngreipr er hon átti ok staf sinn er heitir
Gríðarvǫlr. Þá fór Þórr til ár þeirar er
Vimur heitir, allra á mest. Þá spenti hann
sik megingjörðum ok studdi forstreymis
Gríðarvǫl, en Loki helt undir
megingjarðar. Ok þá er Þórr kom á miðja
ána þá óx svá mjök áin at uppi braut á ǫxl
honum. Þá kvað Þórr þetta:

(72) – Vaxattu nú, Vimur,
alls mik þik vaða tíðir
jǫtna garða í;
veiztu ef þú vex
at þá vex mér ásmegin
jafnhátt upp sem himinn.

– Þá sér Þórr uppi í gljúfrum
nökkvorum at Gjálp, dóttir Geirrøðar,
stóð þar tveim megin árinna ok gerði
hon árvøxtinn. Þá tók Þórr upp ór ánni
stein mikinn ok kastaði at henni ok mælti
svá:

Ela emprestou a ele o poder-cinto e
járnicas garras que ela tinha e seu bastão,
que se chama Gríðarvǫllur. Então foi
Þórr ao rio que, Vimur, se chama, de
todos o maior. Ali apertou ele seu poder-
cinto e segurou abaixo-correnteza
Gríðarvǫllur, mas Loki puxou abaixo o
poder-cinto. E assim Þórr chegou ao
meio do rio que então crescia muito
acima dos ombros dele. Então exclamou,
Þórr, isto:

(72) – Não te cresça agora, Vimur,
pois desejo, você, atravessar
ao garðar dos gigantes;
saiba tu: se tu cresces
então cresce meu às²²-poder
tão alto como os céus.

– Então Þórr vê ao alto de certa
ravina Gjálp, filha de Geirrøðr, que
estava com pés nas duas bordas do rio e
causava rio-aumento. Então levantou,
Þórr, do rio, pedra grande e jogou nela e
disse assim:

²² Ás, do islandês – deus, divino.

– At ósi skal á stemma.

– Eigi misti hann þar er hann kastaði til. Ok í því bili bar hann at landi ok fekk tekit reynirunn nokkvorn ok steig svá ór ánni. Því er þat orðtak haft at reynir er björg Þórs.

– En er Þórr kom til Geirrøðar þá var þeim félögum vísat fyrst í geitahús til herbergis, ok var þar einn stóll til sætis ok sat þar Þórr. Þá varð hann þess varr at stóllinn fór undir honum upp at ræfri. Hann stakk Gríðarveli upp í raptana ok lét sígask fast á stólinn. Varð þá brestr mikill ok fylgði skrækr mikill. Þar höfðu verit undir stólinum døtr Geirrøðar Gjálp ok Greip, ok hafði hann brotit hrygginn í báðum.

– Na foz deve parar.

– Não falhou ele quando ele arremessou. E naquele momento ele chegou à margem e tinha alcançado uma espécie de tramazeira e escalou assim para fora do rio. Por isso que há expressão que tramazeira é ajuda de Þórr.

– Mas quando Þórr chegou a Geirrøðr então ele e seus companheiros foram direcionados primeiro, às da caprina-casa²³ acomodações, e havia só uma cadeira a sentar e se sentou ali Þórr. Então se tornou ele consciente de que a cadeira abaixo dele erguia-se ao telhado. Ele ergueu Gríðarvøllur acima às ripas e deixou-se cair firme à cadeira. Apareceu ali rachadura grande e acompanhou grito grande. Ali haviam estado sob a cadeira as filhas de Geirrøðr²⁴, Gjálp e Greip, e havia, ele, esmagado a coluna de ambas.

²³ Caprina – de cabras.

²⁴ As filhas de Geirrøðr.

– Þá lét Geirrøðr kalla Þór í hollina til leika. Þar váru eldar stórir eptir endilangri hollinni. En er Þórr kom í hollina gagnvart Geirrøði þá tók Geirrøðr með tǫng járnsúu glóandi ok kastar at Þór, en Þórr tók í móti með járngreipum ok færir á lopt síuna, en Geirrøðr hljóp undir járnsúlu at forða sér. Þórr kastaði síunni ok laust gǫgnum súluna ok gǫgnum Geirrøð ok gǫgnum vegginn ok svá fyrir útan <í> jǫrðina.

– Então deixou Geirrøðr chamar Þórr ao salão para jogar. Lá havia fogo grande por toda a extensão do salão. Mas quando Þórr veio ao salão à frente de Geirrøðr, então pegou Geirrøðr brasa járnica²⁵ radiante e arremessou em Þórr, mas Þórr pegou em oposição com járnicas garras e foi para cima a brasa, mas Geirrøðr correu atrás da járnica coluna a se esconder. Þórr arremessou a brassa radiante e passou pela coluna e por Geirrøðr e pelo teto e assim no solo de fora.

4.3.1 Resultados

Há que se notar que, ao tratar dessa tradução como estrangeirizante, estou, em verdade, adotando a visão de Berman (2007) quanto à prática de uma tradução que promova **uma** experiência do estrangeiro. Busca-se entrever a “letra” da obra original, que não se identifica com uma tradução palavra por palavra; não se quer decalque, muito menos deformação da língua-meta, mas sim uma busca pelo diferente na própria língua-meta, principalmente pela partilha de características da língua-fonte à criação de neologismos. A partir dessa visão, o ato tradutório se desenvolve na apresentação de

²⁵ Járn, do islandês, de ferro.

ordenação de palavras e elementos, *kenningar* pela adaptação da língua-meta ao estrangeiro, pelo que tem de menos comum ou corriqueiro sem obscurecê-la. Até mesmo por essa razão substantivos pessoais são mantidos conforme o original, não havendo adaptação.

O início da tradução já se dá por oposição à versão domesticadora, se nesta temos “Hrungnir me parece grandioso”, numa domesticação que além de alterar a ordem sintática, omite “fyrir sér”, do original, a versão estrangeirizante traz esse elemento a tona, ainda que pareça estranho ao português, tendo-se “Grandioso parece-me Hrungnir em si”. Outra omissão da versão domesticadora, com fim de adaptação da obra ao seu leitor, é evitada na versão estrangeirizante, em que, em vez de “Thor conquistou algum arrojo maior contra trolls?”, “þá er hann átti við tröll”, do original, é recuperado com “que ele teve contra trolls” em “Conquistou Þórr algum arrojo maior que ele teve contra trolls?”.

Embora não tenhamos menção de Þórr no trecho “Hann fór með honum”, a tradução o traz como referência a “hann” em nota, “Ele foi com ele”, pois a repetição “ele” nessa frase pode confundir o leitor sobre quem é sujeito ou objeto na frase, impossibilitando o entendimento no contexto. Apesar de as tendências deformadoras de Berman (2007) trazerem essa clarificação como uma problemática, ela vem como nota, não como parte integral do texto traduzido, aqui se fazendo necessária para que o sentido não se perca totalmente.

O composto “járngreipr”, ferro-garra, é traduzido nessa versão como “járnicas garras”. Ao fazê-lo, tem-se a criação de neologismo “járnica”, que tenta trazer ao português base de expressão islandesa a ferro (járn) ligada ao sufixo -ica, utilizado como “feito de”, a exemplo, metálico (objeto feito de metal). Essa adoção de neologismo é algo previsto pela estrangeirização advogada por Berman (2007). Vale lembrar, porém, que, mesmo não sendo minha razão a adotá-la, pois não vejo uma relação melhor × pior entre

o português e o islandês, abre-se a possibilidade de entender essa ação tradutória como um enobrecimento, em que o islandês seria enaltecido a partir do momento em que é utilizado para formar palavras ao português. Estratégia similar é empregada em “falconiforma”, neologismo criado a “valsham” (falcão-forma) e Friggja (de Frigg), em que o islandês é utilizado para composição de neologismo ao português. Reitero que não compartilho dessa interpretação de que o uso do islandês à composição de neologismo seria um sinal de seu valor sobre o português, e a intenção tradutória aqui é a de maleabilidade, a brincadeira com ambas as línguas a fim de entregar uma experiência do estrangeiro ao leitor, não determinar supremacias.

Onde no original temos “En Geirrøðr leit í móti honum ok mælir at taka skyldi fuglinn ok færa honum”, uma tradução domesticadora traria “trazer-lhe” como “færa honum”, com uso do pronome oblíquo acoplado ao verbo, forma mais comum à norma culta. Porém, ao traduzir “trazer a ele”, resgata-se a repetição pronominal do original, em que temos *honum* duas vezes. À versão estrangeirizante, essa repetição de “a ele” impede o empobrecimento qualitativo – “Mas Geirrøðr viu em oposição a ele e disse que pegar o pássaro deveriam e trazer a ele”.

A “svá var hann hár” temos “pois era, ela, alta”, que mantém a ordem do original, trazendo ao português seu estrangeiro, porém não sem marcas, nesse caso, vírgulas que permitem inversão de elementos no português sem tornar a frase agramatical.

Em “hann sótti erfiðliga”, temos “erfiðliga”, cujo significado: com esforço, foi recuperado na tradução como “dificultosamente”, tentando não adotar maior número de elementos que o original e, ainda assim, mantendo seu sentido.

Com “enviado-homem” também é criado composto substantivo ao português conforme sentido do original e sua forma (particípio + substantivo) – “sendimaðr”.

No trecho em que é relatada a espera de Loki a ver o enviado de Geirrøðr subindo a parede, “ok eru þá fœtrnir fastir”, a ordem do original é recuperada, mas novamente à condição de inversão da ordem sintática habitual do português e marcada por vírgulas com “e estavam, porém, os pés, presos”. Também é importante pontuar que, nesse contexto, a repetição da estratégia de tradução de “en” por “mas” não pôde ser mantida, dada a inversão dos outros elementos, pois a troca de “porém” por “mas”, nesse contexto, poderia gerar uma deformação à língua portuguesa. Em “Foi, Loki, pego pelas mãos e entregue ao gigante Geirrøðr”, o estrangeiro da língua portuguesa mais uma vez é trazido a partir de inversões e com marcação por vírgulas, que objetivam o uso de recursos da língua que tragam à luz sua estrangeiridade sem deformá-la. Reitera-se que a deformação da língua-meta é advertida como algo a ser evitado, tanto por Bassnett (1988) quanto por Berman (2007).

A tradução de “Ok þá er Þórr kom á miðja ána þá óx svá mjök áin at uppi braut á oxl honum” como “E assim Þórr chegou ao meio do rio que então crescia muito acima dos ombros dele” outra vez permite prever a problemática da tradução de “honum”. Em muitos casos, esse pronome foi traduzido como “dele” ou “a ele”, não sendo promovida a adoção de domesticação, pois a tradução mais domesticadora desse caso seria “de seus ombros”, a exemplo. Novamente, há busca não apenas da repetição de estratégias a vocábulos semelhantes mas também de uma estrangeirização ao português.

Quanto a “veiztu ef þú vex”, ao traduzir “saiba tu: se tu cresces”, é trazido pronome que assimila em forma ao pronome do islandês antigo (þú), embora não seja o pronome-padrão à segunda pessoa do singular em algumas regiões do Brasil, como São Paulo, que costuma adotar o pronome “você”. Ainda assim, aqui temos a ordenação de elementos do islandês sendo mantida ao português, porém, a fim de não o deformar, a marcação dois-pontos foi adicionada.

O trecho que trata do momento em que Þórr vê Gjálþ traz diversos pontos a serem considerados quanto às estratégias tradutórias. Dado o fato de ser um trecho marcado por apostrofe e sequenciação de eventos, a tradução inicial de “Þá sér Þórr uppi” não adotou a postura que havia sido comum a outros trechos, de inversão de elementos entre vírgulas, iniciando por verbo e após tendo o sujeito. Assim, não temos “Então vê, Þórr”, mas sim “Então Þórr vê”, um dos poucos casos de clarificação.

A “dóttir Geirrðar” não foi encontrada solução que não a locução “filha de Geirrðar”, nisso havendo aumento de palavras na tradução, dada a forma da própria língua em questão. Embora não tenhamos menção direta do vocábulo “pés” em “stóð þar tveim megin árinna”, a expressão traz o sentido de se estar em pé nos dois “megin”, meios, bordas, do rio. Desse modo, temos “estava com pés nas duas bordas do rio” na tradução. Também se nota que “rio-aumento” é o composto criado a “árvoxtinn” no original, composto formado por rio (ár), aumento (voxtinn).

Na sequência “Þá tók Þórr upp ór ánni stein mikinn ok kastaði at henni ok mælti svá”, pode-se notar que há repetição da conjunção aditiva “ok”. Ainda que a língua-meta adote com mais frequência listagem por vírgulas, com uso de “e” apenas entre os últimos itens, nessa tradução optou-se por manter a repetição presente no original à listagem de eventos: “Então levantou, Þórr, do rio, pedra grande e jogou nela e disse assim”, desse modo não temos racionalização.

No fragmento “Því er þat orðtak haft at reynir er björg Þórs”, o verbo conjugado “haft” traz a ideia de existência, porém sua referência mais corriqueira é a de posse, “ter”. À vista disso, a tradução se volta ao sentido do original, mais do que à sua forma primeira, optando pelo verbo “haver” em detrimento de “ter”; com isso, vemos “Por isso que há expressão que tramazeira é ajuda de Þórr”. Ainda sobre o referido trecho, tem-se a adoção

de preposição entre ajuda e Þórr conforme estrutura do português, não havendo, nesse caso, proposta de neologismo.

“caprina-casa” é o composto criado para “geitahús” no original, por tentativa de uso do português e seus vocábulos com fim criativo de composto.

Observa-se como a flexibilização da língua portuguesa é promovida de modo a trazer o diferente em si e em contextos de menor facilidade de leitura, notas são trazidas com o fim de clarificar a tradução. Essa clarificação, porém, não se dá no texto traduzido em si. Embora pudesse ser entendida como uma deformação visto que Berman (2007) critica o uso de notas ou itálico que aponte à estrangeiridade da tradução, essa postura mostrou-se como a possível entre as não opções apresentadas pelo referido teórico, que não apresenta solução efetiva a tal.

4.4 Tradução gramatical

Na versão a seguir, trago o que alguns chamam de decalque e outros de tradução gramatical. Indo contra a teoria de Berman (2007) e Bassnett (1988) quanto à não deformação da língua, esta tradução irá deformar a língua em um extremo tradutório que não se quer legível, antes buscando meio de trazer aos leitores uma noção do que temos de gramatical e particular na língua-fonte: flexibilidade de ordenação de elementos. Vale lembrar que essa postura não busca, de modo algum, criar uma experiência similar ao que um falante da língua islandesa teria. Isto é, a deformação criada não representa o modo como os falantes da língua-fonte a entendem e veem, antes apresentando a forma como um falante do português contemporâneo veria, em um primeiro momento, as particularidades da língua-fonte, o que, é claro, após contato contínuo com esta, já não passa a suscitar essa experiência. Não se preza, assim, pela facilitação; por isso mesmo, alfabeto e substantivos pessoais serão mantidos em sua forma original.

Pá mælir Ægir:

– Mikill þótti mér Hrungrir fyrir
sér. Vann Þórr meira þrekvirki nokkvot
þá er hann átti við tröll?

Pá svarar Bragi:

– Mikillar frásagnar er þat vert er
Þórr fór til Geirrðargarða. Pá hafði hann
eigi hamarinn Mjöllni eða megingjarðar
eða járngreipr, ok olli því Loki.

Então diz Ægir:

– Grandioso parece-me Hrungrir
em si. Conquistou Þórr algum arrojo
maior que ele teve contra trolls?

Então responde Bragi:

– Grandiosas narrativas são que
versam como Þórr foi a
Geirrðargarðar²⁶. Então tinha ele não
martelo Mjöllnir ou poder-cinto ou ferro-
garras, e a causa disso: Loki.

²⁶ Morada de Geirrðøðr.

Hann fór með honum, þvíat Loka hafði þat hent þá er hann flaug einu sinni at skemta sér með valsham Friggjar at hann flaug fyrir forvitni sakar í Geirrøðargarða ok sá þar höll mikla, settisk ok sá inn of glugg. En Geirrøðr leit í móti honum ok mælir at taka skyldi fuglinn ok færa honum. En sendimaðr komsk nauðuliga á hallar vegginn, svá var hann hár. Þat þótti Loka gott er hann sótti erfiðliga til hans ok ætlaði sér stund at fljúga eigi upp fyrr en hann hafði farit alt torleiðit. En er maðrinn sótti at honum þá beinir hann fluginn ok spyrnir við fast ok eru þá fœtrnir fastir. Var Loki tekinn þar hǫndum ok færðr Geirrøði jǫtni. En er hann sá augu hans þá grunaði hann at maðr mundi vera ok bað hann svara, en Loki þagði.

Ele foi com ele, porque Loki, havia, que, sucedido então a ele voar uma vez para divertir-se com a falcão-forma Friggjar, ele voou sobre, por curiosidade, Geirrøðargarðar e viu ali salão grandioso, sentou-se e olhou dentro à janela. Mas Geirrøðr viu em oposição a ele e disse que pegar deviam o pássaro e trazer-lhe. Mas o enviado-homem chegou com dificuldade à do salão parede, pois era ela alta. Achou Loki bom que que tenha sido difícil ao enviado chegar a ele e ele considerou a si mesmo um momento voar não até que ele tivesse percorrido toda a difícil passagem. Mas quando o homem chegou a ele então as pernas ele levantado voo e bateu com firmeza e estavam, porém, os pés presos²⁷. Foi Loki pego pelas mãos e entregue ao Geirrøðr gigante. Mas quando ele viu os olhos daquele então suspeitou ele que homem poderia ser e ordenou ele a falar, mas Loki silenciou.

²⁷ Presos.

Þá læsti Geirrøðr Loka í kistu ok svelt hann þar þrjá mánuðr. En þá er Geirrøðr tók hann upp ok beiddi hann orða, ok sagði Loki hvern hann var, ok til *fjorlausnar vann hann Geirrøði þess eiða at hann skyldi koma Þór í Geirrøðargarða svá at hann hefði hvárki hamarinn né megingjarðar. Þórr kom til gistingar til gýgjar þeirar er Gríðr er kǫlluð. Hon var móðir Viðars hins þogla. Hon sagði Þór satt frá Geirrøði at hann var jötunn hundvís ok illr viðreignar. Hon léði honum megingjarða ok járngreipr er hon átti ok staf sinn er heitir Gríðarvǫlr. Þá fór Þórr til ár þeirar er Vimur heitir, allra á mest. Þá spenti hann sik megingjörðum ok studdi forstreymis Gríðarvǫl, en Loki helt undir megingjarðar. Ok þá er Þórr kom á miðja ána þá óx svá mjök áin at uppi braut á ǫxl honum. Þá kvað Þórr þetta:

Então confinou Geirrøðr Loki em um baú e definha ele por três meses. Mas quando Geirrøðr tirou ele e solicitou ele palavras, e disse Loki quem ele era, e pela liberação-vida que ganhou ele de Geirrøðr juramento que ele iria trazer Þórr a Geirrøðargarðar, de modo que ele teria nem martelo seu nem poder-cinto. Þórr veio aos aposentos da gigante que Gríðr é chamada. Ela era mãe de Víðarr, o silencioso. Ela disse a Þórr verdades de Geirrøðr, que ele era um gigante muito sábio e difícil de lidar. Ela emprestou a ele o poder-cinto e járnicas garras que ela tinha e bastão seu que se chama Gríðarvǫllur. Então foi Þórr ao rio que Vimur chama, de todos o maior. Ali apertou ele seu poder-cinto e segurou abaixo-correnteza Gríðarvǫllur, mas Loki puxou abaixo o poder-cinto. E assim Þórr chegou ao meio do rio que crescia então muito para cima dos ombros dele. Então exclamou Þórr isso:

(72) – Vaxattu nú, Vimur,
 alls mik þik vaða tíðir
 jǫtna garða í;
 veiztu ef þú vex
 at þá vex mér ásmegin
 jafnhátt upp sem himinn.

– Þá sér Þórr uppi í gljúfrum
 nokkvorum at Gjálþ, dóttir Geirrǫðar,
 stóð þar tveim megin árinna ok gerði
 hon árvoxtinn. Þá tók Þórr upp ór ánni
 stein mikinn ok kastaði at henni ok mælti
 svá:

– At ósi skal á stemma.

– Eigi misti hann þar er hann
 kastaði til. Ok í því bili bar hann at landi
 ok fekk tekit reynirunn nokkvorn ok
 steig svá ór ánni. Því er þat orðtak haft at
 reynir er björg Þórs.

(72) – Não cresça-te agora, Vimur,
 pois desejo, você, atravessar
 ao dos gigantes garðar ;
 saiba tu se tu cresces
 então cresce meu às²⁸-poder
 tão alto como o céu.

– Então vê Þórr ao alto de ravina
 certa Gjálþ, filha de Geirrǫðr, estava
 com dois pés nas duas bordas²⁹ do rio e
 causava ela rio-aumento. Então levantou
 Þórr do rio pedra grande e jogou nela e
 disse assim:

– Na foz deve parar.

– Não falhou ele quando ele
 arremessou. E naquele momento chegou
 ele na margem e tinha alcançado
 tramazeira uma e escalou assim do rio.
 Por isso que expressão tem que
 tramazeira é ajuda de Þórr.

²⁸ Æsir – deus, divino.

²⁹ Cada perna sua estava sobre uma parte da montanha e abaixo delas passava o rio, tão grande era a gigante.

– En er Þórr kom til Geirrøðar þá var þeim félögum vísat fyrst í geitahús til herbergis, ok var þar einn stóll til sætis ok sat þar Þórr. Þá varð hann þess varr at stóllinn fór undir honum upp at ræfri. Hann stakk Gríðarveli upp í raptana ok lét sígask fast á stólinn. Varð þá brestr mikill ok fylgði skrækr mikill. Þar hófðu verit undir stólinum dætr Geirrøðar Gjálp ok Greip, ok hafði hann brotit hrygginn í báðum.

– Þá lét Geirrøðr kalla Þór í hollina til leika. Þar váru eldar stórir eptir endilangri hollinni. En er Þórr kom í hollina gagnvart Geirrøði þá tók Geirrøðr með tǫng járnsú glóandi ok kastar at Þór, en Þórr tók í móti með járngreipum ok færir á lopt síuna, en Geirrøðr hljóp undir járnsúlu at forða sér.

– Mas quando Þórr chegou a Geirrøðr então ele e seus companheiros foram direcionados primeiro às da cabra-casa acomodações, ali havia uma cadeira para sentar e se sentou ali Þórr. Então se tornou ele consciente de que o assento abaixo dele ergueu-se para o telhado. Ele ergueu Gríðarvǫllur acima às ripas e deixou-se cair firme ao assento. Apareceu ali rachadura grande e acompanhou grito grande. Ali haviam estado sob o assento as filhas de Geirrøðr, Gjálp e Greip, e havia ele esmagado as colunas³⁰ a ambas.

– Então deixou Geirrøðr chamar Þórr ao salão para jogar. Lá havia fogo grande por toda a extensão do salão. Mas quando Þórr veio ao salão à frente de Geirrøðr, então pegou Geirrøðr brasa radiante e arremessou em Þórr, mas Þórr pegou em oposição com járnicas garras e foi para cima a brasa, mas Geirrøðr correu atrás da járnica coluna a esconder-se.

³⁰ Coluna vertebral.

Þórr kastaði sínni ok laust gognum
súluna ok gognum Geirrøð ok gognum
vegginn ok svá fyrir útan <í> jorðina.

Þórr arremessou a brasa e passou pela
coluna e por Geirrøðr e pelo teto e assim
no de fora chão.

4.4.1 Resultados

A fim de trazer a forma da língua islandesa antiga e seu estrangeiro ao leitor brasileiro, essa tradução busca utilizar-se de tradução gramatical, palavra a palavra. A começar, busquei manter a ordem das palavras conforme o original, dentro do possível, trazendo ao português a flexibilidade e não linearidade sujeito-verbo-complemento. Assim, temos construções em que pronomes se repetem como não faríamos em português: “Conquistou Þórr maior arrojo algum que ele teve contra trolls?”, em que, após a referência “Þórr”, ainda há a repetição “ele teve”, estranha ao português, que adotaria muito mais “Þórr conquistou algum arrojo maior contra trolls?”. Neste caso, não apenas a segunda referência pronominal seria retirada mas também seria alterada a ordem de pronome indefinido, substantivo e comparativo. Vale a nota de que essa tradução não busca promover ou reproduzir o modo como um nativo da língua-fonte a entenderia ou leria; essa tradução apenas busca mostrar a forma da língua segundo visão da cultura-meta.

Em “Então tinha ele não martelo Mjöllnir ou poder-cinto ou ferro-garras, e a causa disso: Loki”, temos estrutura ainda mais peculiar, com verbo + sujeito + partícula negativa, ordem nem um pouco doméstica ao leitor brasileiro, pouco dado a essa omissão do verbo “ser”. Com o intuito de apresentar palavras de sentido equivalente ao do islandês, tal qual teorias de equivalência, tomei liberdade de criar os compostos “poder-cinto” e “ferro-garras”, sendo “ferro” usado por toda tradução em lugar de “járn”.

Ainda há a referência “falcão-forma Friggjar” quanto a “valsham Friggjar”, trazendo o islandês ao português com uso da semivogal “j” e neologismo formado a partir de “falcão” e a palavra “forma” como um só, bem como ocorre no original.

O trecho inicial sobre a aventura de Loki em Geirrøðargarðar traz ao leitor nenhuma facilitação de entendimento, com intercalações estranhas ao português e ordenação literal. Dessa maneira, temos construções como “à do salão parede”, “considerou ele um momento voar não até que ele tivesse percorrido toda a difícil passagem”.

Além disso, temos a estranheza de “as pernas ele levantado voo”, que segue ordem do original e estrangeiriza a ordem sintática do português. Sobre “então ele teria nem martelo seu nem poder-cinto”, seria mais comum a nós “então ele não teria martelo ou seu poder-cinto”, em que a ordem esperada para o pronome possessivo é subvertida. Outra palavra que busca recuperar vocabulário e ordem do islandês é “abaixo-correnteza”, que, como “forstreymis”, é formado por dois vocábulos – “for” e “streymis”.

Outro trecho de tradução servil à língua-fonte é do poema 72, em que temos “Não cresça-te agora, Vimur, / pois desejo, você, atravessar, / ao dos gigantes garðar”, visto que, seguindo a língua original, se nota a agramaticalidade ao português sobre o uso do pronome oblíquo acoplado ao verbo quando antecidos por negativa. Também foge à língua o uso de pronome pessoal em imperativo. Mas tal estratégia permite ao leitor notar esses dados da língua-fonte.

Cabra-casa foi neologismo criado como referência a “geitahús”, em tradução voltada à equivalência.

A numeração de poesia também foi mantida (72), respeitando a edição de Faulkes.

4.5 Adaptação juvenil

Nesta tradução, optou-se pelo uso de domesticação para apresentação de substantivos pessoais e apresentação da narrativa, pois, pensando no público em questão, uma maior estrangeirização poderia dificultar sua leitura. Com a domesticação, neste caso, ganha-se a possibilidade de entender a pronúncia dos nomes. Mas, ainda assim, é inserida uma página de anexo, com referências à grafia original, a fim de garantir a aproximação ao estrangeiro, para os interessados.

Pensando em expansão do contato com a cultura em questão, buscou-se utilizar elementos que estão além do original trabalhado. É assim que a história traz a exposição de uma runa, artefato histórico. Embora a runa não se refira necessariamente à Jornada a Geirrøðargarðar, ela é usada como meio de conexão ao protagonista.

Outro detalhe a pontuar é a aparição de Freyja, aqui, Throng, remetendo ao fato de ela ser conhecida por viajar em disfarce, sendo esse um de seus nomes.

Guillý é referência ao nome Gylfi, personagem de Gylfaginning, em que temos a ilusão de Gylfi. Buscou-se utilizar personagem feminina, na intenção de trazer o feminino, juntamente com Freyja, a esta versão, contrapondo à forte presença masculina. Vale lembrar que os islandeses são protetivos de seus nomes, conforme orientações de Patricia Pires Boulhosa (2020) em comunicações dada por *e-mail*, e há um documento com listagem de nomes reconhecidos no país. Gillý é um dos nomes femininos e cuja introdução data de 2000, sua adaptação se deu com adição de “u”.

A história se desenvolve de forma aproximada à tradução domesticadora, porém, ao seu fim, temos a imagem de Guillý em seu quarto, dormindo, e Loki, o deus da trapaça, em forma de falcão, acordando-a da janela. A intenção de tal imagem era remeter à ilusão de Gylfi, sendo a ilusão de Guillý, um sonho. Seu quarto mostra imagem de Mjöllnir, aludindo ao seu interesse pela mitologia nórdica.

Esse produto se justifica na teoria do escopo e sua apresentação do propósito do tradutor como sua meta de equivalência e fidelidade. À intenção de permitir um contato do público juvenil com a cultura-fonte, a domesticação, ou melhor, a adaptação, foi tida como a melhor postura a adotar no contexto. Com isso, há omissão dos versos do poema 72, adição de um contexto à narrativa de Þórr que não é previsto a princípio. Parte da adaptação que se tem aqui vem como intenção de permitir que pessoas de diversos gêneros possam se relacionar às personagens na história em questão, principalmente a outra figura forte e emblemática na mitologia nórdica, que é Freyja.

Certa vez, estava Guillý a andar quando se deparou com uma runa. Quando se deu conta, estava à sua frente uma bela senhora:

- Qual é o seu nome? – perguntou Guillý, curiosa como era.
- Me chamo Throng – disse a senhora.
- Esse é Thor, você gostaria de saber mais sobre ele?
- Claro! – disse Throng.

E assim Guillý começou sua história...

– Agora há que se contar sobre Éguir. Éguir fora a Asgard visitar os Ésir. Ele foi bem recebido e Bragui contou a ele sobre a Jornada de Thor à morada de Gueirodur.

“– Então Thor não tinha seu martelo Mjotlinir ou seu cinto de força. E a culpa disso era de Loki. – disse Bragui.

Thor viajou com Loki porque ele, que havia decidido voar para divertir-se com a forma de falcão de Frig, voou por curiosidade sobre a morada de Gueirodur e viu ali um salão grandioso.

O enviado chegou com dificuldade à parede do salão. Loki achou bom vê-lo se esforçar e considerou não voar até que ele tivesse subido toda a difícil passagem.

Quando o homem chegou a ele, então o pássaro bateu as asas e os pés com força, mas os pés estavam presos. Loki foi pego pelas mãos e entregue ao gigante Gueirodur.

Mas quando Gueirodur viu os olhos de Loki, suspeitou que ele fosse um homem e ordenou que Loki falasse, mas ele silenciou. Então Gueirodur confinou Loki em um baú a definhar por três meses.

Quando Gueirodur o tirou do baú e lhe obrigou a falar, Loki disse quem ele era. Pela liberação à vida que ele ganhou de Gueirodur, prometeu que iria trazer Thor à morada do gigante e então Thor não teria seu martelo ou seu cinto de poder.

Thor veio aos aposentos da gigante chamada Grídur. Ela era mãe de Vídar, o silencioso. Ela contou a Thor verdades sobre Gueirodur, que ele era um gigante muito sábio e difícil de lidar. Ela emprestou a Thor seu cinto de poder, garras de ferro e seu bastão chamado Grídarvotlur.

Então Thor foi ao rio que se chama Vimur, o maior de todos. Ali ele apertou seu cinto de poder e segurou Grídarvotlur correnteza abaixo, mas Loki puxou o cinto de poder. E assim Thor chegou ao meio do rio, que na ocasião crescia muito acima de seus ombros.

Então Gueirodur pediu que chamassem Thor ao salão para jogar.
Quando Thor ficou de frente ao gigante, Gueirodur pegou uma brasa de ferro radiante e arremessou em Thor.

Porém Thor a pegou com garras de ferro e a brasa foi para cima. Então Gueirodur correu para trás da coluna de ferro para se esconder.

Thor arremessou a
brasa radiante e
assim ela passou
por Gueirodur,
pela coluna, pelo
teto e assim no
chão fora do
salão.”

Mas a manhã chegou sem que Guilly pudesse se
despedir de Throng.

Lista de Nomes

Asgard – Asgarð

Ésir – Æsir

Éguir – Ægir

Greip – Greip

Grídavotlur – Gríðarvǫllr

Grídur – Gríðr

Gueirodur – Geirrøðr

Guillý – Gillý

Gujálp – Gjálp

Loki – Loki

Mjotlinir – Mjöllnir

Thor – Þórr

Throng – Þrǫng

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variedade de abordagens tradutórias permite entrever quão rico e infinito é o número de possibilidades interpretativas e mais ainda a possibilidade de criação. É desse modo que, ao menos, quatro leituras do texto em questão trazem experiências absolutamente diversas ao leitor.

O encontro do leitor com a tradução domesticadora permite sentir outra cultura mediante sua própria língua, em um movimento que o afasta da alteridade linguística. É assim que compostos do islandês se tornam locuções adjetivas e os fonemas da língua-fonte são adaptados ao seu receptor falante de português. Já não se torna possível o contato com o diferente fonética ou graficamente.

Ainda assim, esse produto tradutório permite uma leitura de menor esforço ao leitor, traz um sentido, muito mais do que uma forma, com muitas clarificações que buscam evitar confusão ou mal-entendidos. A análise de tal abordagem por meio das propostas teóricas de Berman (2007) e suas deformações nos permite entrever a falta de uma letra, a falta do estrangeiro como forma literária e linguística. Com essa tradução, permite-se conhecer uma história do outro, mas se perde o que se tem de mais estrangeiro e encantador: a forma da língua e sua flexibilidade. Nisso, o português se mostra inflexível, porém, ao mesmo tempo, um leitor leigo pode conhecer as histórias dessa cultura e um pouco de Þórr mediante sua própria língua. E quem disse que isso não é positivo em si? Diversos como somos, isso se mostraria suficiente a muitos leitores.

Entretanto, assim como temos variados leitores, este trabalho se desenvolveu no objetivo de trazer à tona os desafios, os ganhos e as perdas de diferentes abordagens tradutórias à tradução de línguas díspares, o islandês antigo e o português. Ao tratar de discussão ainda pouco desbravada, que é a tradução comentada entre ambas as línguas, ganha-se perspectiva quanto às suas equivalências e aos limites de cada uma.

É então na abordagem estrangeirizante que clarificações e racionalização são evitadas com mais frequência, porém não sem a combinação de ambas as línguas com o fim criativo de produção de neologismos que permitam ao leitor uma experiência do estrangeiro. É importante notar que, ao colocar esta como “uma” experiência, reafirmo a infinitude de possibilidades que se tem à produção de qualquer tradução; é uma possibilidade entre mil. Portanto, retraduições trariam novas estratégias, novos vocábulos, novas experiências. Outro ponto de grande relevância à discussão dessa estrangeirização se dá na forma como a tradução busca imitar o original em sua repetição de vocábulos. Nos casos em que essa estratégia se mostra impossível, alteração é feita, mas não sem antes discuti-la. Com isso, a proposta de manutenção das cadeias subjacentes é tida como parâmetro no ato tradutório, o oposto do que vemos na proposta domesticadora, que, ao evitar as repetições que assim se quis no original, domestica o estrangeiro e o enobrece. Logo, “*devolve[-se] à língua a memória de sua história até à sua origem, [e a] abr[e] para um futuro de possibilidades insuspeitáveis*” (2007, p. 127-128, grifo do original). Conforme Medina (1992), “O futuro só se pode antecipar na forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, *apresentar-se*, sob a espécie de monstruosidade”. Nota-se que, assim, traduções estrangeirizantes como essa podem não encontrar tantos adeptos, dada a sua aventura da alteridade, que rompe com o normal e pressuposto.

Uma possibilidade de experiência máxima da língua do outro é trazida com a tradução gramatical, que busca, dentro do possível, manter a ordenação de vocábulos do original com o fim de permitir a um leitor que não conheça a língua-fonte observar a flexibilidade desta, dada pelos seus casos, algo que não é partilhado pelo português. Vale notar que essa tradução não é chamada de estrangeirizante pelo simples fato de ir contra a teoria de Berman (2007) e até mesmo de Bassnett (1988) ao deformar a língua-meta.

Ainda que haja tal deformação, ela é justificável ao meu propósito de permitir ao leitor conhecer a flexibilidade da língua-fonte. Nisso, a intenção comunicativa da história em si e sua experiência são perdidas.

Com isso, podemos notar que a um leitor interessado em breve experiência do outro, enquanto lê uma narrativa, a tradução estrangeirizante traz o ganho do entendimento da narrativa contada, com a figura de Þórr como protagonista ao mesmo tempo que se experencia um pouco da alteridade por meio da criação linguística, com leve estrangeirização da estrutura do português e notas explicativas que negociam o entendimento. Dessa maneira a tradutícia se dá neste trabalho, pela determinação de práxis fixada e justificada em teoria.

Ainda assim, as outras abordagens não se excluem quando pensamos, à domesticadora, em contexto em que o leitor busque simplesmente conhecer outra cultura e sua narrativa sem preocupação ao reconhecimento de sua língua; e à gramatical quando entendemos a necessidade ou curiosidade de conhecimento, principalmente, da flexibilidade da língua-fonte.

A tradução domesticadora busca suavizar o estrangeiro com adaptações de substantivos pessoais, sintaxe domesticadora e uso abundante de clarificação e racionalização, tendo-se uso de substantivos pessoais para apagamento de ambiguidade do português em relação aos pronomes e às referências em islandês antigo.

Essa abordagem tradutória é utilizada como pontapé inicial à criação de adaptação juvenil. Tais estratégias se tornam justificáveis sobretudo ao fato de que uma criança ou um adolescente não conhecedor da mitologia poderia apreciar primeiro a sonoridade do que se tem no original e em um segundo momento usufruir de nota à ortografia original. Nota-se também que abundam clarificações, tal qual “árvore chamada tramazeira”, em que o original não traz “árvore”, mas apenas seu nome, “tramazeira”. Por ser uma

referência não comum ao contexto dos leitores do presente trabalho, a clarificação, tendência deformadora, é adotada em prol do entendimento, facilitando a leitura desse público especificamente.

É nessa criação que podemos notar como a teoria do escopo se mostra presente e de grande relevância à prática tradutória, pois a adaptação de uma narrativa ao público juvenil torna necessária a adoção de estratégias que não se reportam à ideia de equivalência proposta por Catford ou Nida, por exemplo. A simples transferência de uma língua e cultura a outra pode minar o prazer e a aventura da leitura aos menores. Até mesmo Berman (2007) se mostra ineficaz em sua irredutibilidade de reconhecimento da necessidade de “deformações” a diversas traduções. Essa negação das práticas tradutórias, vistas por ele como “deformações”, limita as possibilidades do tradutor e não prevê seu objetivo primeiro. Tal como Bassnett (1988) e a teoria do escopo propõem, a tradução deve ser fiel ao seu propósito. Essa posição é o que permite ao tradutor desenvolvimento de interpretações que mais se adequarão ao seu contexto, seja ele uma demanda de seu empregador, seu projeto pessoal de criação ou até mesmo a intenção de tradução por programas concordanciadores.

Portanto, conclui-se este projeto, que, em sua busca de reconhecimento de estratégias tradutórias diversas e discussão da prática a abordagens variadas, almejou ampliar a visão e a discussão da relação islandês antigo-português na área de estudos da tradução, notando a suma importância de se reconhecer a tradução como ato interpretativo, de infinitas possibilidades e cuja fidelidade, antes de mais nada, deve ser regida pelo(s) propósito(s) e projeto(s) do tradutor e/ou pela função de sua tradução.

REFERÊNCIAS

- ANTÓN, Teodoro Manrique. “Sagas de Islandeses”. In: BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (Org.). *El Mundo Nórdico Medieval*. SAEMED, 2017. p. 141-160.
- ARRUDA, Vanessa Gabriel da Silva. *Célula-tronco embrionária: corpo, espírito, técnica e política*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- BASSNETT-MCGUIRE, Susan. *Translation Studies*. London; New York: Routledge, 1988. New Accents.
- BARLOG, Cory (Dir.); WANG, Elizabeth Dahm et al. (Prod.). *God of War*. SIE Santa Monica Studio, 2018, PlayStation 4.
- BENEDETTI, Nildo Maximo. *Sagarana: o Brasil de Guimarães Rosa*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008.
- BERMAN, Antoine. “Translations and the trials of the foreign”. In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, 2000.
- _____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BOULHOSA, Patricia Pires. “Breves observações sobre a *Edda em Prosa*”. *Brathair*, 4(1), 2004, p. 13-18.
- _____. E-mail – indicações sobre nomes femininos. 20 fev. 2020.
- FAARLUND, Jan Terje. “Old and Middle Scandinavian”. In: KÖNIG, Ekkehard; AUWERA, Johan van der. *The Germanic Languages*. Routledge, 1994.
- FAULKES, Anthony. “This edition”. In: SNORRI STURLUSON. *Edda: Skáldskaparmál*. Edição de FAULKES, Anthony. Viking Society for Northern Research; University College London, 1998. p. li.

- _____. “Introduction”. In: SNORRI STURLUSON. *Edda*. Edição de FAULKES, Anthony. Everyman, 1995. p. xi-xxiii.
- FRANK, Roberta. “Skaldic Poetry”. *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Cornell University Press, 1985. p. 157-196.
- GONÇALVES, Lourdes Bernardes. “Linguística de *Corpus* como instrumento de avaliação de tradução literária”. *TradTerm*, 2009, v. 15, p. 79-100.
- HEIMIR PÁLSSON. “Manuscripts”. *The Uppsala Edda*. Tradução de FAULKES, Anthony. Viking Society for Northern Research; University College London, 2012. p. xxx-xliii.
- HERMANNSSON, Halldór. *Bibliography of the Eddas*. Nova York: Cornell University Library, 1920.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de MENDES, Odorico. São Paulo: Edusp, 1992.
- LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.
- _____. “Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval”. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 909-936, jul./set. 2016.
- LARRINGTON, Carolyne. *The Poetic Edda*. London: Oxford University Press, 2014.
- LEFEVERE, André. “Mother Courage’s Cucumbers: text, system and refraction in a theory of literature”. In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, 2000.
- LINDOW, John. “Myth”. In: CLOVER, C. J.; LINDOW, J. *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Cornell University Press, 1985. p. 159.
- LISPECTOR, Clarice. *The passion according to G.H.* Tradução de SOUSA, Ronald W. Minneapolis: University of Minnesota, 1988.

_____. *The passion according to G.H.* Tradução de NOVEY, Idra. Nova York: New Directions, 2012.

MATTOS, Sonia Heinrich de. *Deuses e heróis na Edda Poética e na tetralogia de Wagner*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1959.

MCKINELL; RUGGERINI. *Both one and many: essays on change and variety in late Norse heathenism*. II Calamo, 1994. p. 21.

MCTURK, Rory (Ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Blackwell Publishing, 2005.

MEDINA, Antonio. “Prefácio”. In: HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Edusp, 1992.

MILTON, John. *O Clube do livro e a tradução*. Edusc, 2002.

MOOSBERG, Théo de Borba. *Brennu-Njáls Saga: projeto tradutório e tradução para o português*. Tese de Doutorado, Florianópolis, 2014.

MUCENIECKS, André Szczawlinska. *Austrvegr e Gardaríki: (re)significações do leste na Escandinávia tardo-medieval*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2014.

NORD, Catherine. *Translating as a purposeful activity*. Routledge, 1997.

ORRI VÉSTEINSSON. “Archaeology of Economy and Society”. In: MCTURK, Rory. *A companion to Old Norse-Icelandic literature and culture*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

PORTER, Edel. “Poesía Escáldica”. In: BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (Org.). *El Mundo Nórdico Medieval*. SAEMED, 2017. p. 58.

ROBERTI, Glauco Micsik. *A batalha de Maldon: tradução e aliteração*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Ricardo José Barbosa. *História Invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do nacional-socialismo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.

STURLUSON, Snorri. *Edda*. Tradução de FAULKES, Anthony. London: Everyman, 1995.

_____. *Edda: Skáldskaparmál*. Edição de FAULKES, Anthony. Viking Society for Northern Research; University College London, 1998.

_____. *The Uppsala Edda*. Tradução de FAULKES, Anthony. Viking Society for Northern Research; University College London, 2012.

_____. *Edda em Prosa: textos da mitologia nórdica*. Tradução de LIMA, Marcelo Magalhães. Rio de Janeiro: Numen, 1993.

_____. *Gylfaginning: a ilusão de Gylfi*. Tradução de AVELAR, Artur. Editora Barbudânia, 2013. Disponível em: Kindle. Acesso em: jun./2015.

_____. *Gylfaginning e Skáldskaparmál*. Tradução de AVELAR, Artur. Editora Barbudânia, 2014. Disponível em: Kindle. Acesso em: jul./2015.

_____. *Gylfaginning*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. Blog Nibelung's Alliance. 2008. Acesso em: jun./2015.

_____. *Skáldskaparmál*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. Blog Nibelung's Alliance. 2009. Acesso em: jul./2015.

_____. *Nafnapulur*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. Blog Nibelung's Alliance. 2009. Acesso em: jul./2015.

_____. *Edda em Prosa: Prólogo e Gylfaginning*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. 2008, 2013. Arquivo eletrônico pessoal concedido em 2015.

_____. *Skáldskaparmál*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. 2009, 2010, 2011, 2013. Arquivo eletrônico pessoal concedido em 2015.

_____. *Nafnapulur*. Tradução de MOREIRA, Marcio Alessandro. 2009, 2013. Arquivo eletrônico pessoal concedido em 2015.

_____. *The Prose Edda: tales from Norse mythology*. Tradução de Viking Society for Northern Research. Disponível em: <<http://www.vsnr.org/>>.

TRINDADE, Thais Gomes. “A paixão segundo G. H.: um estudo comparativo de trechos de duas traduções desta obra para a língua inglesa”. *Revista Ronái*, 2013, v. 1, n. 2.

VENANCIO, Yuri Fabri. *Um estudo etimológico de internacionalismos: cognatos na língua portuguesa e norueguesa*. Dissertação de Mestrado, 2016.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: a History of Translation*. London; New York: Routledge, 1995.

VERMEER, Hans J. “Skopos and commission in translational action”. In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, 2000.

WHALEY, Diana. “Skaldic Poetry”. MCTURK, Rory (Ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Blackwell Publishing, 2005. p. 479-502.